

# A EXTRAORDINÁRIA VIDA DE JÉSUS GONÇALVES

Eduardo Carvalho Monteiro

## DE RETORNO AO PASSADO

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei”

Allan Kardec

(Inscrição no seu túmulo)

Corria o século IV d.C. Envelhecia o Império Romano. A incapacidade dos governantes e a dissolução dos costumes, aliadas à infiltração de mercenários e bárbaros nas fileiras de seu exército levou a defesa do Império a depauperar-se. Outro grave problema, que colaborou para o colapso de Roma, foi a crise do sistema econômico. A autonomia provincial retirou uma importante fonte de recursos da Capital, ao mesmo tempo em que grande parte dos impostos eram canalizados para fins improdutivos: enormes gastos em festas e jogos. A pilhagem imposta aos vencidos rareava, já que quase a totalidade do mundo conhecido à época fazia parte de seus domínios. Vislumbravam-se tempos negros para os Impérios Romano, ameaçado pelas hordas bárbaras que se acercavam de suas fronteiras no Oriente.

Durante seu reinado, Teodósio I conseguiu fixar um desses povos, os visigodos, nos confins da Ptésia (Às margens do Rio Borythenes) onde foram posteriormente elevados à condição de federados do Império (387), enquanto que seu líder, Alarico, fazia carreira no exército romano, sendo distinguido com honrarias e promoções pelo comando.

Cristalizava-se, então, a falsa ideia de que os bárbaros e, em particular, os visigodos, se constituiriam em aliados contra possíveis ataques aos Impérios.

Com a morte de Teodósio, estes passaram à ofensiva, já sob o comando de Alarico, que assimilara as modernas técnicas do exército romano. Avançaram pela Península Balcânica decididos a tomar Constantinopla, mas o príncipe Rufino, regente do Império Oriental, conseguiu induzir Alarico a mudar-se para Dalmácia, intentando desviá-lo para o Oeste.

Na Dalmácia, Alarico e suas tropas iniciam a infamante carreira de conquistadores, onde campeavam a morte, o terror e a destruição. A sede de conquistas não mais tinha limites. Devastadoras incursões levavam “gozo, o saque e a morte” às cidades, que uma após outra, sentiam o peso da espada de Alarico e experimentavam os gravames cruéis de sua alucinação guerreira.

Armaduras, lanças, capacetes de ferro, azagaias, dardos e flechas formavam o arsenal do terror. Do alto de sua liteira, bárbaro, encarnando a crueldade e a insensibilidade, parecia transmitir aos corcéis fogosos a sanha de destruição que refervia em sua alma...

Muitas vezes, Senhor, brandindo a espada,  
Junquei o campo de amargosas dores,  
Estendendo medalhas e favores  
Sobre o sangue de presa abandonada,

A golpes vis, assinalei a estrada  
Do meu carro de falsos resplendores  
E, buscando lauréis enganadores,  
Desci, gemendo, à sombra ilimitada...

Ao terrível exército do caudilho tudo o que interessava eram as conquistas territoriais, o ouro, as riquezas, os estofos de seda e as especiarias. Escrúpulos, não os conhecia Alarico. Sua personalidade reunia qualidades de grande líder e disciplinador, mesclados à prepotência e à perversidade. O ano de 395 d.C. marca o início da caminhada que empreende, disposto a subjugar Roma: cai Constantinopla ante fulminante ataque; é invadida a Grécia e saqueada a Ática, embora Atenas,

apreensiva , fosse poupada; capitula Corintos, Argos e Esparta, ante os golpes do rude guerreiro e seu exército de “condottiere”...

Inda vejo, Senhor, de alma oprimida,  
A Trácia devastada, a ânsia de Atenas,  
Constantinopla em lágrimas e penas  
E Roma flagelada e envilecida...

Por onde quer que passasse, deixava em seus rastros a viuvez, a orfandade, em traços de selvageria. Mesmo às cidades subjugadas Alarico impunha seu requintes de maldade e de sadismo, incendiando-as, promovendo os aleijões, ceifando vidas...

Há séculos num carro de esplendores,  
Minha vida era a angústia de outra vidas,  
Estraçalhava multidões vencidas,  
Coroando de púrpura e de flores.

Era traço marcante de sua personalidade, a vaidade. Em nome desta mesma vaidade sonhava volver à Roma e conquistar o posto de comandante-em-chefe das tropas imperiais, cargo para o qual havia sido preterido. Porém, em seu caminho havia Estilício. Filho de um chefe vândalo e que era casado com uma sobrinha de Imperador Teodósio e tutor de Honório, herdeiro do trono. Derrotado numa primeira investida, por Estilício, Alarico atravessa o Golfo de Corinto, invadindo em 397 o Épiro. Feito governador da Ilíara, vende seu apoio alternadamente aos imperadores do Ocidente e do Oriente. Em 401, Alarico entra na Itália pelo Friuli e invade a planície padana...

Outrora, à frente de conquistadores,  
Num trono de fantásticas riquezas,  
Despojando cidades indefesas,  
Comandei o cortejo de esplendores!

Estilício, atento ao avanço do visigodo, derrota-o no Piemonte (402) e no Vêneto (403). Sabedor, porém, da ameaça que este povo representava para o Império, brindava-o com valiosos presentes a fim de mantê-lo afastado.

O mau interpretado zelo de Estilício em defesa de Roma, sua ambígua relação com Alarico e o seu parentesco com a família imperial (dera duas filhas como noivas a Honório) alimentaram a inveja e suspeita de que ele estivesse almejando o trono. Assim, para posterior arrependimento seu, Honório mandou matar o general temendo que ele se aproveitasse a situação crítica do Império para usurpar a Coroa.

Com o seu maior oponente morto, Alarico fica com Roma à sua mercê. As disputas entre os Impérios do Oriente e Ocidente, as tricas domésticas e fragilidades do Exército fizeram a cidade vulnerável, e Alarico, aproveitando-se do momento, leva seu povo de volta à Itália e em 408 sitiou, pela primeira vez, Roma, só consentindo em retirar-se mediante vultoso resgate. Sua intenção não era a de destruir o Império mas se apossar do ambicionado cargo de comandante das tropas imperiais além de obter territórios dentro de suas fronteiras, na região entre o Danúbio e Golfo de Veneza. Em posição de superioridade, Alarico negociou durante dois anos a salvação da cidade, enquanto que os romanos viviam em terror e em penúria de víveres...

Senhor, eu que vivia em vãos clamores,  
Vinha de longe em ânsias aguerridas,  
Sob a trama infernal de horrendas lidas,  
Entre largos caminhos tentadores.

Tronos, glórias, tiaras, esplendores  
E cidades famélicas vencidas...

Tudo isso alcancei, de mãos erguidas  
Aos gênios tenebrosos e opressores.

Como nada conseguisse com Honório, que se recusava a acordos, tornou a sitiar Roma em 409 e fez do prefeito da cidade, o grego Átalo, Imperador. Novamente procurou negociar com Honório, que a esta altura havia se transferido com a corte para a África, celeiro do mundo, à época. Depois de 11 meses de negociações infrutíferas e dada à intransigência de Honório, Alarico cerca novamente a cidade e a 24 de agosto de 410 decide cumprir sua ameaças. Antes, porém, quando o acampamento bárbaro ultimava os preparativos para invasão, que já era inevitável, singular episódio viria modificar o rumo dos acontecimentos.

Encontrava-se em Roma, Agostinho, bispo de Hipona, que a exemplo da população antevia as consequências trágicas da iminente invasão. A cidade movimentava-se com presteza, sobressaltada com a fama de Alarico. Preparava-se a defesa de seus muros, mas como já poucas esperanças restavam de resistir ao ataque, buscava-se também as melhores formas de proteção às mulheres, crianças e idosos para quando da consumação do fato. Corria, de boca em boca, os feitos de natureza sanguinária, depravada e sádica do guerreiro visigodo. Um mórbido silêncio caracterizava a última fase da expectativa na cidade. O bispo Agostinho, em dado momento, saiu pelas ruas a divagar sobre o acontecimento sombrio. Ao anoitecer já não se via a movimentação de antes mas o silêncio sepulcral era às vezes entrecortado por gritos de desespero e alarmes falsos. Arriscada ideia sobressalta-lhe, então, o Espírito. O pasmo inicial dá lugar a um fio de esperança no Espírito amargurado daquele homem do Cristo. Decide ele, mesmo com o risco da própria vida, enveredar-se pelas colinas que levariam ao acampamento bárbaro de lá pedir clemência ao chefe visigodo. Sabia que a ira dos visigodos seria inevitável, no entanto estava disposto a oferecer a vida em troca de uma réstia de esperança para seu povo.

Bendita a fortaleza dos que creem no triunfo do Espírito sobre a Matéria!

Embora a invulnerabilidade do exército do caudilho, ei-lo penetrando em suas hordas, diante do olhar estupefato dos soldados pela sua ousada intrepidez. E os soldados perplexos, súbito, ouviram os gritos alucinados e carregados de ódio de seu chefe, ao tomar conhecimento da ousadia do sacerdote:

- “Degolem-no! Degolem-no! Degolem o romano que ousou desafiar minha força! Degolem-no!”

- Mas, senhor, - ouviu de um subordinado – bem sabes que matar a um sacerdote significa mau agouro! Os soldados têm medo de suas pragas e por isso não lhe tocam!

- Estúpidos! Boçais! Quem pôs em suas cabeças essas baboseiras? Vamos, matem-no e pendurem sua cabeça como troféu! – aduziu o general bárbaro, açulado por um ódio injustificado. Os guerreiros, sem a devida coragem para dar o golpe de misericórdia naquele “pobre” homem, enxovalhavam seu rosto com cusparadas, ofendendo-o com os mais execráveis impropérios. Eles odiavam-no. Agostinho, porém, irresistível em sua fé, prosseguia em direção à tenda do chefe visigodo.

Frente a frente agora, os dois aguardavam a acomodação da turba. Em pouco, apenas abafados comentários ainda se escutavam. Os olhos de Alarico, chispados de ódio, estão fitos, secos, contrastando com o olhar doce e sereno do sacerdote. Havia algo naquele olhar que o poderoso guerreiro não conseguia explicar: o magnetismo. Frente às atitudes incivis da soldadesca, Agostinho, longe de se chocar, cumprimentava-os com o sorrir sincero, rebuscando nos arquivos das melhores lembranças que trazia. Alguns se destacavam da turba e vinham como a farejá-lo. Abeiravam-se de sua figura humilde que contrastava com a mitra de bispo e se esforçavam por entender a razão de tamanha coragem. Coragem, sim, para alguns, embora à grande maioria não passasse de ousada afronta. Nenhum deles, entretanto, imaginava quem era esse Agostinho. Gênio raro, dignificou o sacerdócio cristão e surpreendeu o mundo da época, quando rompeu luminosamente com a carreira de glórias e fama que delineava para si, para optar pelo caminho de porta estreita da salvação. Abraçara o ministério de Jesus, afastando-se conscientemente das comodidades efêmeras do poder material e da sensualidade pecaminosa. Até aquela época, sua vida houvera sido de empenho à instrução catequética de futuros batizados, às obras da caridade e à direção espiritual das comunidades por onde houvera passado. A diligência com que tomava parte na

proteção aos pobres, a firmeza com que se embrenhava na defesa dos fracos e oprimidos junto às poderosas autoridades, procurando respeitar o direito de asilo, não o impedia de também oferecer ao povo de sua fé, brilhantes dissertações filosóficas que até hoje permanecem atuais e maravilham o mundo cristão.

E Alarico não conseguia resistir. Embora o desejo de avançar, espada em punho, e colocar termo à audácia do guerreiro do Cristo para salvar sua imagem de líder duro e implacável, o “condottiere” permanecia estático e sem reação ante a surpresa do acontecimento. Assim como seus comandados, sentiu que todo seu aparato bélico e sua experiência de guerreiro de nada valiam, ante a supremacia moral de alguém que, com sua fé inquebrantável, lutava por uma causa justa.

O encontro foi rápido e incisivo. Não poderia haver troca de amabilidades e sequer diálogo, pois as línguas que falavam eram diferentes: um a do amor, outro a do ódio.

- Augusto guerreiro Alarico, comandante-em-chefe das bravas fileiras do povo visigodo. Certo de que poderia contar com a compreensão e generosa paciência que exornam de tão nobre caráter é que tomei, por decisão, dirigir-me ao teu acampamento, portando inadiável e importante assunto de interesse da cidade de Roma...

- Passe logo ao assunto que o traz aqui, miserável, pois o tempo de que disponho não posso perder ante um inimigo de meu povo! Você, seu verme, deve ter perdido o juízo por tomar a resolução de vir aqui em nosso reduto! Fale, miserável, o que deseja? Oferecer-me ouro, prata, seda ou quê? Pois fique sabendo que seu rei, Honório, não aceitou minhas propostas de negociação. Portanto, agora, mesmo que tenha ele voltado atrás em sua decisão, meu povo já tomou a sua: arrasar a cidade de Roma e mostrar a essa corja de imundos quem é o rei do mundo: Alarico!

Agostinho, nesses instantes de comovida compaixão, confrontava a insensibilidade do caudilho com as lições preciosas do Mestre: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”... “quem pela espada fere, pela espada será ferido”... “perdoar, não sete, mas setenta sete vezes”... quando, subitamente, relanceando o olhar em derredor, pôde observar uma gama de Entidades Espirituais que procuravam irradiar vibrações de paz a cometimento na tela mental do guerreiro! Imediatamente, o vislumbre de desesperança e melancolia, que lhe penetravam nas fímbrias do Espírito, transformaram-se em melodias de esperança e em irrepreensível confiança de que aquele ser, ainda em sua infância espiritual, haveria de compreender a razão de sua súplica. Uma ternura infinita se lhe transbordou do Espírito... transformou o ímpeto em realidade, e arrojou-se genuflexo e súplice aos pés do verdugo:

- Vê Senhor, a difícil tarefa em que encontro. Rojado a teus pés e colocando o coração nas palavras que te dirijo, venho, não fazer um acordo, como poderias esperar, mas oferecer minha insignificante existência em troca de uma moderação na invasão à nossa cidade...

- O que estás dizendo, repugnante sacerdote? – replicou, rangendo os dentes de ódio, o comandante visigodo – então, acreditas mesmo que eu, o grande general, trocaria a vida de um réptil, que para mim nenhum valor tem, pelas glórias da conquista da cidade-berço do mundo? Pois fica sabendo que lavaremos com sangue do teu povo as alamedas que aclamarão a chegada de meu exército. Saiba que aqueles que se opuserem à nossa entrada na cidade haverão de sofrer as maiores torturas e sentir o peso de minha espada. Apodrecerão nas prisões os que se recusarem a aceitar os visigodos, legítimos detentores do trono da Terra. Suas vias suntuosas terão que estar repletas de romanos para saudar o grande general Alarico, e não haverá um só romano que não será desprezado, humilhado e vilipendiado. Suas mulheres serão nossas mulheres e suas crianças, cedo, serão educadas para servir ao povo visigodo. Os habitantes orgulhosos desta cidade, que foi ingrata com o maior general que lhe pisou o solo, rastejarão como vermes a implorar clemência ao que deverão reconhecer como o legítimo comandante-em-chefe de suas tropas! Está, pois, desgraçado sacerdote, estabelecido o futuro da tua cidade podre!

Abalado ante a rudeza do verbo guerreiro, mas não menos confiante no sucesso de sua missão, apoiada, naqueles momentos pela presença marcante de Protetores Invisíveis, não represa as lágrimas sinceras e comoventes que lhe caem abundantemente. Meritória é a tarefa dos que se sacrificam em benefício de seus irmãos em humanidade! Naqueles instantes, de um lado estava o poder despótico dos que se julgavam infalíveis e preocupados em receber os louros ilusório das dominações transitórias; de outro, a sagrada expressão do amor e da sabedoria, refletidos na

consciência liberta dos entraves da cobiça e do desrespeito à individualidade de seus semelhantes.

- Senhor – dirige-lhe a palavra Agostinho – não é minha intenção, nem a de meu povo, replicar ou ir de encontro à supremacia militar de teu Exército, que é notória a todos. Apesar, como sabemos, desde a partida de nosso Imperador para a África, Roma se encontra desguarnecida e a teus pés. Por isso, em nome do Cristo, que me inspirou a vir ter com o general, em nome de Deus...

-Deus? – replicou raivosamente Alarico – Como ousas falar em outro Deus que te governa? Eu sou teu Deus e outro Deus mais poderoso jamais em tua vida estúpida conhecerás... Compreendes? Eu sou Deus e não admito que venhas ao meu acampamento insultar-me a assacar blasfêmias contra mim. Ninguém é mais poderoso que Alarico, que em breves dias se apoderará da cidade coração do mundo, a única que ainda lhe falta conquistar. Eu sou a lei, eu sou Deus, eu sou o grande Alarico que Roma aclamará e adorará.

E o diálogo prosseguia, alternando-se entre as frases ríspidas de Alarico e humildade e submissão de Agostinho, que lutava para penetrar naquele coração dominado pelo ódio e ansiava desesperadamente conseguir a misericórdia do caudilho.

- Ilustre guerreiro Alarico, não foi intenção deste pobre e insignificante operário do Evangelho magoar ou ferir a honra daquele que todos reconhecemos na imagem de um grande general que já tem seu nome gravado na História! Se acaso te feri com minha insolência, própria daqueles que ainda percorrem as sendas da imperfeição e do pecado, rogo-te que me perdoes, pois, de agora em diante, procurarei vigiar minhas palavras para que não venham ferir ou ofender-te novamente...

Alarico e seus soldados permaneciam, agora, mais do que nunca, estáticos diante de uma reação que ainda não conheciam: ante o dobrar do orgulho, palavras de perdão brotadas do fundo do coração! Realmente, a uma gente habituada a lavar a honra manchada por pequenas desavenças em duelos mortais, essa era uma atitude digna de espanto!

A turba, que se acalmara, ligeiramente, entreolhava-se com estupefação, mas o silêncio era logo cortado pelos gritos de “covarde”, “covarde”, “luta, queremos a luta”, “enfrente um de nós, romano”.

Não compreendiam eles a dignidade de um gesto cristão. As vulgaridades empanam a visão dos humanos envoltos no desconhecimento das Leis Espirituais e o espesso véu da matéria é-lhes o empecilho para o descortinar da luz em suas trajetórias.

- Não pretendo molestar V. Excia, por mais tempo, prossigo na minha explanação. A cidade e o povo de Roma pedem clemência, ó grande general, e recorrem à tua misericórdia para que nos poupe ao saque indiscriminado, ao negror das humilhações a nossas mulheres e crianças, às investidas ardentes a nossos lares e templos e nos indulgencie de possíveis falhas com relação a tua pessoa

- Indulgência? Clemência? Perdão? Como podes rogar perdão à cidade que não me quis como general e vem me dizer como devo agir nas batalhas? Quem é tu, ignóbil criatura, para atreveres a ditar normas a um general visigodo? Como ousas? Pois cala a tua boca suja e não pronuncies mais uma baboseira sequer, se não quiseses ficar sem tua língua. Eu te ordeno que vás e diga ao povo romano que espere para saber quem é Alarico, o general que não quiseram para seu Exército e se arrependerão, então, amargamente pelo desprezo com que fui tratado!

O diálogo encerrou-se ali e Agostinho, sujeitando-se novamente aos ultrajes e desdouros da multidão ímpia e fanática, retomou o caminho de volta, de Espírito sôfrego e amargurado, agrilhado pelo sofrimento e já antevendo o furor da ira com que Alarico se arrojará sobre a cidade à sua mercê.

Entretanto, suas palavras inspiradas, a sublime serenidade ao enfrentar tantas humilhações e o exemplo de humildade refletido nas súplicas veementes dirigidas ao “condottiere”, haviam conseguido instalar no Espírito do guerreiro uma réstia de misericórdia. Nos dias que antecederam à invasão, o olhar e as palavras do sacerdote não saíam da mente do guerreiro e ecoavam-lhe no Espírito de maneira perturbadora. A primeira reação foi a de desligar-se do ocorrido e comandar os preparativos, no entanto, mal compreendia ele que o Sacerdote da Caridade, em suas fervorosas preces, prendia-o à sua faixa mental e o episódio entre os dois permanecia límpido e recente.

Tateando entre as barracas, pensativo e visivelmente transtornado, debate-se para libertar-se do fantasma da influência que o episódio provocara. As marcas impressas no Espírito de Alarico não foram suficientes para impedir o vandalismo do saque à cidade, porém, frutificaram em forma de comedimento e respeito aos Templos Cristãos que não foram sequer tocados pelos visigodos. O povo romano, não entendendo o que se passava diante da moderação do exército inimigo, logo que percebeu a situação, foi buscar proteção naqueles Templos que nesses instantes eram procurados até mesmo pelos pagãos.

A extraordinária reviravolta dos acontecimentos, muito embora não tenha evitado a quase devastação da cidade, era o troféu haurido por Agostinho, o soldado de Cristo que ousou, com sua intrepidez, desafiar a força física do exército de vândalos e fez-se sobrepujar mediante as qualidades morais de Espírito.

Mas Alarico não permaneceu muito tempo em Roma. Fascinado pelo poder, pretendia dar golpe de misericórdia no Império. Dirigiu-se para o sul, chegando à Calábria, tentando invadir a África. Sua frota, no entanto, foi dispersada por tempestade e Alarico morreu pouco depois, em Cosenza. Seus soldados, para evitar a profanação de seu túmulo, enterraram-no no leito do Rio Basento, matando posteriormente os escravos usados para desviar o rio a fim de não revelassem o local do sepulcro do guerreiro.

\* \* \* \*

Alarico, pouco tempo após seu desencarne, desperta os sentimentos na Verdadeira Vida e com a visão do Além inicia a reeducadora trajetória de padecimentos, consequência da cegueira espiritual de um Espírito primitivo que perpetrara tantas ignomínias em sua ambição doentia. Pesadas angústias, visões terríficas das vítimas a cobrarem-lhe ações em vida formavam o quadro doloroso de sua estada na zona compacta de trevas. Tornou-se necessário descerrarem-se os véus do conhecimento espiritual para que fosse chamado à realidade da Vida Imortal. Inevitável foi seu mergulho nos infortúnios morais impostos pela colheita da “miséria, pranto e luto”, que semeava em vida...

Depois... infernos, atormentadores,  
Braseiros vivos, maldições acesas,  
Ligado à angústia de milhões de presas,  
Apunhalado o peito por mil dores...

Indescritíveis sofrimentos marcaram a passagem do guerreiro pela penumbra das regiões umbra-linas. O passado, pesado e sombrio, arrancava lágrimas do réprobo que suplicava nova oportunidade na esfera carnal. Transgredira incontáveis leis da vida e agora se colocava como réu da própria consciência. Neste tribunal não há possibilidade de erro. Cada qual armazena nos arquivos da memória os atos praticados na carne e a resultante virá em forma de recompensas ou sofrimentos que terá de suportar.

Ninguém se vincula à situação por acaso, e esse acaso também não existirá quando o mérito dos atos praticados tiver que ser apreciado. Os Estatutos Divinos nos previnem de que a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória e com Alarico não poderia ser outro o panorama. Buscava ele agora, no Plano Maior da Vida, a mercê celestial que lhe permitisse encetar nova jornada terrena, necessária ao alumiar de seu Espírito, transviado dos verdadeiros objetivos da vida. O arrependimento viera, é certo, mas a gama de tendências inferiores ainda estava muito arraigada na essência do seu Espírito. Mesmo diante de semelhante quadro, as leis sublimes do Eterno Legislador não negam novas chances de reparação a seus filhos. E Alarico inicia a operação de retorno às lides físicas, a qual deveria se subordinar às necessidades de burilamento de seu Espírito; por pedido seu e com a concordância das Esferas Espirituais, é-lhe permitido volver à gleba terrestre no seio de seu próprio povo.

Protegido por um dispositivo da Grande Lei, em retomando o envoltório carnal, vai o Espírito reencarnante perdendo lentamente a faculdade de recordar seu passado, providência esta que se constitui em mais uma dádiva do Criador, apiedado dos sofrimentos que se abateriam sobre as criaturas conhecedoras de seus tenebrosos passados.

Reencarna, assim, na roupagem de Alarico II. Investido nos mesmos poderes de sua encarnação pretérita, não consegue, ainda desta vez, refrear as inclinações ambiciosas de seu caráter primitivo, fazendo por sucumbir as promessas de redenção consignadas no Plano Espiritual.

As guerras e as conquistas territoriais continuavam sendo seu móvel principal. Muito embora não conservasse mais, em grau tão marcante, os traços de crueldade com que na existência anterior grafara páginas negras na História Universal, ainda assim continuava governando pelo poder da força e do terror. Oitavo rei dos visigodos, sucedeu a seu pai, Eurico, em 484, seus domínios abrangiam a Espanha (exceto a Galiza), a Aquitânia, o Lanquador e a Provença Ocidental.

Embora cristão ariano, como o pai, atenuou as perseguições aos católicos, sendo mais complacente com estes do que fora aquele. É de sua autoria o código “LEX ROMANA VISIGOTHORUM”, também conhecido como “BREVIARUM ALARICIANUM”, oficializando no ano de 506.

Alarico II tentou manter o pacto que seu pai firmara com os francos, mas Clóvis, rei destes últimos, transformou o cristianismo dos visigodos em pretexto para guerra. Na batalha de Vouillé, travada em 507, perto de Poitiers, perde a vida Alarico II pelas mãos de Clóvis e Aquitânia é incorporada aos domínios francos.

A próxima encarnação, que se conhece desse Espírito, passou-se na França do século XVI, quando esteve na roupagem carnal de Armand Jean du Plessis Richelieu, mais conhecido como Cardeal Richelieu. Volveu a este plano a 9 de setembro de 1585, sendo seus pais Francisco Du Peles e Susana De La Porte. Um dos mais notáveis estadistas franceses do regime monárquico, foi odiado e temido por todas as camadas da sociedade. Defendeu o absolutismo real e contribuiu para grandeza da monarquia. Representou o clero como bispo de Luçon em reunião dos Estados Gerais, em 1614, Auxiliar de Luiz XIII desde 1620, é feito Cardeal em 1622, e dois anos após, elevado ao cargo de primeiro-ministro. Por 18 anos foi não só o homem mais poderoso da França, incluindo-se o rei, como também o árbitro da política europeia. Intransigente defensor do Estado, Richelieu tinha como princípio: “O homem é imortal, sua salvação está no outro mundo; o Estado não, sua salvação é agora ou nunca”. Sob este princípio esmagou as resistências na área de administração pública e proporcionou, ao povo francês, ignominiosos espetáculos de sangue com a decapitação de inúmeros oponente de seu governo.

Sobre esta passagem na terra transcrevemos pequeno trecho da obra “Sublime Expição” psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco e ditado pelo Espírito de Vitor Hugo em que segundo o próprio relato por via mediúnica, informa:

- Esclarece-me que vocês estiveram juntos nos tumultuosos dias de França agitada dos séculos XVI e XVII, quando ministro de Luiz XIII e um dos responsáveis diretos pela guerra dos trinta anos, (no seu quarto período, o francês), ele, na indumentária de Richelieu, oferecendo apoio secreto aos inimigos de Casa de Áustria, resolveu definir-se, por fim, publicamente contra, o que facultou as vitórias francesas de Friburgo e de Norlinga, obrigando, em consequência, a Áustria a assinar o humilhante Tratado de Paz de Vesfália...

Arruinados pelo ódio entre protestantes e católicos que deram início à calamitosa hecatombe, a partir de 1618, os países beligerantes ficaram em dolorosa miséria, especialmente a Alemanha, que muito sofreu...

Naqueles dias – continuou esclarecendo – a figura do nefando sacerdote estimulava as ambições do Cardeal, que colocara Deus na condição de francês, num zelo abominável e terrível, em que o fanatismo usava as mais terríveis armas para sobreviver, em detrimento de todos os ideais humanos. A França, em razão disso, pagaria, no suceder dos tempos, pesado tributo de dor. Este sacerdote, que vivera na sombra, caracterizado pelo fervor religioso, na sua fidelidade a Richelieu, conseguira que este adquirisse o chapéu escarlata e o manto de púrpura...”

Doente, com o corpo tomado por tumores de diagnóstico desconhecido, o braço direito paralisado, a saúde de Richelieu, que nunca fora boa, debilita-se a tal ponto que mal consegue levantar-se do leito do Palácio Real. Aos quatro de dezembro de 1642, data de sua morte, suas últimas palavras foram: “Meus únicos inimigos foram os inimigos da França”.

E prossegue este Espírito em sua marcha evolutiva rumo ao Reino do Pai. A veneração excessiva à Pátria obscureceu-lhe a visão e empanou uma carreira que se delineava das mais promissoras.

Certamente, este devotamento conceder-lhe-ia méritos perante a Justiça Divina, no entanto, não soube ele penetrar no real valor do amor ao Criador.

Disse Jesus que o maior no reino de Deus seria aquele que se convertesse no servidor de todos. Este Espírito, embora em ascensão, tomara por princípio servir à Pátria e em nome da Pátria praticara crimes hediondos. Amenizara em si as inclinações ambiciosas da dominação do poder pela força, mas ainda carregava dívidas das insânias cometidas em outras vidas.

Agora, novamente no Plano Espiritual, remexia em suas reminiscências as consequências de outro naufrágio sofrido. Chafurdara-se no lodo da ambição e deixara-se envolver no redemoinho das paixões humanas, desviando-se dos deveres sagrado do sacerdócio cristão que abraçara por dever e usurpara dos poderes de líder em que se vira investido.

Um turbilhão de remorsos atordoavam-no e de memória emaranhada nos espinheiros do pretérito, rogava alívio às feridas dolorosas incrustadas no coração. A solução, bem o sabia ele, estava na retomada de novo corpo, porquanto somente o palmilhar de outras existências terrestre lhe permitiria reencetar o aprendizado das Leis Divinas. Seria preciso curar velhas enfermidades do Espírito, vencer apetites mundanos e domar interesses mesquinhos. Ademais, pesava sobre si a carga dolorosa das carnificinas, dos saques, das traições, dos flagrantes desrespeitos à vida humana que marcaram sua passagem pelas hostes bárbaras e que urgiam ser resgatados.

Considerando o quadro das necessidades espirituais desse Espírito, duas reencarnações compulsórias foram-lhe impostas para expurgar os delitos inscritos no Livro da Vida. Por duas vezes retornou ele, pela misericórdia do Senhor, com o corpo envolto pelas chagas purulentas da hanse-níase.

O abençoado resgate de seu passado trevoso constituía-se num sublime mecanismo da Lei da Reencarnação, ainda tão incompreendida pela humanidade. É na dor e no sofrimento que encontramos o cadinho onde se purificam os sentimentos humanos, mas que os humanos ainda estão longe de compreender o processo. Por isso, recebeu o guerreiro de outrora a lepra, a temível e execrável lepra, por santo remédio ao seu Espírito rebelde, fornecendo-lhe, a um mesmo tempo, sofrimentos cruciantes ao corpo em decomposição e amadurecimento espiritual ao seu Espírito transviado.

O desprezo, o escárnio, o abandono e a repulsão da sociedade faz com que as dores das feridas lepromatosas sejam relegadas a segundo plano, face ao impacto da humilhação que os portadores deste mal sofrem. Infelizmente, o ser humano, trânsfuga das Leis do Supremo Legislador, ainda carece dos suplícios físicos para aprender a administrar o livre-arbítrio que lhe é concedido, e a educar suas inclinações na direção das realidades nobilitantes. Por isso, mil e duzentos anos depois, esse Espírito ainda prestava contas dos horrendos crimes praticados nas jornadas de terror que comandara como guerreiro bárbaro. Os efeitos das torturas que impunha às suas indefesas presas, os incêndios desnecessários às cidades subjugadas, os saques, a viuvez, a orfandade que promovera em suas dominações sanguinolentas refletiam-se agora no “manto de feridas” que abrigava seu Espírito enfermiço. Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo, disse Jesus, e cumpria-se, assim, na trajetória deste Espírito mais duas etapas necessárias a seu burilamento.

Compreendera ele, agora, em seu retorno ao Plano Maior da Vida, que toda a posse material é efêmera, e que Jesus não se equivocara quando nos exortou a cultivar os valores do Espírito, valores estes que os ladrões não roubam e as traças não corroem. Mas também a respeitar o corpo, patrimônio divino que nos é emprestado, conscientes de que dele devemos prestar contas ao Todo Poderoso por seu usufruto. Aprendera que a passagem pela Terra é qual minuto na eternidade do tempo e que, de nossos atos neste minuto na eternidade do tempo e que, de nossos atos neste minuto pode depender a felicidade ou a infelicidade porvindouras.

Recebera ele, nos esconsos de seu coração, as lições sublimes do Mestre dos Mestres, e com elas adocicava seu caráter e redimia-se do tenebroso passado que fazia “leproso” seu Espírito...

Em aparente calma, prosseguia a estada do guerreiro visigodo no Plano Espiritual e, embora revestido de funções edificantes que sua evolução permitira abraçar na rotina do trabalho, sua mente acalentava projetos de retorno ao Plano Físico. Os Assistentes Espirituais na Colônia que o abrigava já lhe haviam notado as preocupações, mas segundo o programa de serviço traçado, seu estágio naquela Colônia ainda deveria prolongar-se por mais tempo.



Em contato com as realidades da Verdadeira Vida, todos se revestem dos mais puros propósitos regenerativos, mas muitas vezes uma precipitação pode provocar uma derrocada e por isso Alarico aguardava submisso uma decisão superior.

Decorrido certo tempo, em que se dividia entre serviços de atendimento e cursos de evangelização, o Espírito é comunicado de que o Benfeitor, responsável pela Colônia, apresentava-se em vê-lo.

O recinto em que foi recebido era confortável e exalava doces vibrações de suas paredes imantadas pela prece. O Benfeitor Espiritual de expressão dúlcida e amorosa, aproximou-se de Alarico e envolveu-o em afetuosas vibrações de carinho. O semblante do guerreiro, carregado pela apreensão, em instantes desmanchou-se em recíproca doação de amor fraterno.

- Prezado irmão – iniciou o mentor – conta-se que, ao ser criado o mundo e seus habitantes, pouco satisfeita com suas condições de inferioridade, uma avezinha pediu uma audiência ao Ser Supremo e lhe falou de suas desditas: - “Venerável Senhor, sou do mundo dos menores seres que criastes, por isso me constituo em presa fácil aos outros habitantes da floresta; é-me custoso conseguir alimentação, porque as melhores plantas e ervas, os animais mais lépidos me subtraem; muitas vezes distraída, mal consigo fugir às patas assassinas dos leões ou dos cavalos; enfim, Senhor, não consigo receber o benefício dos raios solares porque a vegetação me cobre, e quando da época de chuvas, a enxurrada deixa à mercê meu corpo frágil... e assim sendo, Amorável Senhor, pedi-lhe essa entrevista para dizer-lhe das minhas mazelas e contar como é pesada a minha cruz... logo eu, que sou um dos menores seres que criastes e já carrego tão pesada cruz sobre os ombros... rogo-te, Senhor, dá-me a solução para tão duras provas!” E o Senhor da Vida, com seu olhar compassivo e terno, compreendendo as preocupações da ave súplice e humilde, lhe diz:

- “Um pai que ama e quer bem a seus filhos procura favorecê-los com os melhores cenários e roupagens necessários para sua apresentação no Teatro da Vida; este Pai desvelado nunca colocaria em ombros frágeis cruz impossível de ser suportada, portanto assumo o envoltório corporal que recebeste por dádiva celeste e em retornando ao prado de onde vieste, procura levar tua cruz com galhardia, harmonizando-a ao teu corpo frágil e gracioso, e concluirás que da maneira com que adaptares esta cruz a ti mesma, dependerá a tua felicidade ou infelicidade!”

- A pequena ave, muito embora tivesse saído mais aliviada, não compreendeu a profundidade da lição, mas voltou para seu sítio e lá continuou sua vidinha apreensiva, marcada pelos perigos costumeiros. Por medida de precaução, procurava sempre ela pequenas elevações para proteger-se de possíveis enxurradas... mas, nesta ocasião, as chuvas foram tão fortes que mesmo naquele refúgio, até então seguro, via-se ameaçada... Desesperada ante o iminente perigo, e tendo esgotado todas as suas forças, arrastando-se pelo chão... eis que, instintivamente, ergue suas asas estabandamente e percebe que estava se elevando do chão! Protegida já nos ramos de um arbusto, passa a refletir nas palavras do Senhor da Vida e percebe que suas asas formavam a própria cruz de que tanto se lamentava, e que bastou aprender a conviver com ela para que se tornasse um dos habitantes mais livres, alegres e belos que a floresta jamais tivera!

Permanecia, o Espírito de Alarico, embevecido ante as lições recebidas e a ternura com que o Amável Benfeitor transmitia através da conversação. Indizível bem estar interior percorria-lhe o Espírito, prenunciando abençoado desfecho para a entrevista.

- A dor, - prosseguiu a Entidade – que nem sempre sabemos carregar, pode tanto transformar-se no suplício daquela ave rastejante, como na cruz abençoada que a promoveu a um dos mais belos exemplares da floresta! Infelizmente, o humano ainda não está preparado para entender a necessidade do sofrimento, nosso abençoado companheiro. Os cientistas, os médicos, os curandeiros esmeram-se em aperfeiçoar os lenitivos para as dores humanas, utilizando-se desde as mais sofisticadas técnicas da cibernética até a simplicidade das ervas, no entanto, o mais alto grau que atentarem conseguir com suas técnicas, será apenas um paliativo, porque combaterão apenas os efeitos. As causas não serão atingidas. As verdadeiras causas, que estão alojadas no Espírito, poucos as compreendem e combatem. A Terra, a cujos limites estamos vinculados, bem o sabeis, é um campo de provas e expiações. Resgatar um passado culposo significa aproximar-se de Deus e, à medida que dimana dentro de nós esse desejo, vemo-nos irresistivelmente presos às raízes de nossas angústias que dificultam nossa marcha ascensional. Urge, então, renovar valores, cicatri-

zar feridas, promover reconciliações e, acima de tudo, grafar indelevelmente no mais profundo de nossos corações a lição do amai-vos uns aos outros. Sob a luz desta verdade, aprenderemos a viver mais cooperativisticamente, substituindo ódios, competições aviltantes, traições mortíferas por confiança mútua, amor desinteressado e realizações nobilitantes.

A Entidade, que era da Colônia o Espírito de maior elevação, demonstrava ao longo de sua explanação as venturas que haure um Espírito renovado no monumento indestrutível das virtudes. E deu sequencia, projetando na tela mental de Alarico suas encarnações no seio do povo bárbaro, referindo-se às vidas de réprobo, odiado e temido que escolhera para si, ocasionando cadeias de ódio vinculadas a torrentes de pranto. Falou em Deus, rememorando a encarnação como estadista francês; “para mim existem dois deuses: Deus e a França!”

O Espírito, acrisolado pelo sofrimento da rememoração de angustiantes fatos, a tudo escutava de emoção contida. Estampado estava em seu semblante o fantasma dos quadros repulsivos que lhe eram trazidos à tona. O fogo do remorso, camuflado que estava pelos trabalhos dignificantes na seara do amor, apenas ligeiramente se lhe registravam no âmago do Espírito, porque, desde há muito era consciente de que seria imperioso o chamado ao complemento de resgate do torvelinho de ações insidiosas e desatinos que mil e quinhentos anos de múltiplas encarnações não haviam sido suficientes para reparar!

Prosseguiu o Digno Mentor dissertando sobre as chances recebidas por este Espírito, através das experiências dolorosas, assim como a renovação, sorvida graças à dádiva das sucessivas vezes que vestira os trapos carnavais.

- Em vista dos créditos morais conquistados e da disciplina ao trabalho redentor que realizas nesta Casa de Assistência, quero informar-te de que está sendo preparado teu retorno ao plano físico. Ademais, a constância da oração com que tens orvalhado teu Espírito varou distâncias incensuráveis e encontrou eco em um coração amigo que há séculos te é grato; e mesmo das paragens celestes em que habita, dirige-te carinhosas vibrações de amor. É o Espírito de Agostinho, que certa ocasião magnetizou-te com o olhar, no episódio distante da queda de Roma, e que graças à tua complacência, que surpreendeu a todos, diga-se de passagem, pôde ver o saque à cidade abrandado e os Templos Cristãos respeitados. É a Lei do Amor e da Gratidão que vence o tempo e eterniza sentimentos puros e sinceros, retirados da acústica do Espírito dos justos. Muito embora a barreira do Tempo, este abnegado cirineu que amou a Humanidade em toda plenitude e entendimento, utilizou-se de tuas preces sinceras para construir uma ponte socorrista e com seu braço fraternal obter a ansiada oportunidade de reencarnação, que teu coração suplicava. A Lei de Deus reserva aos que admitem o erro e rogam oportunidade de compensá-lo, um luzeiro traduzido na benção da tomada de novo corpo. O Pai sempre assiste àqueles que se detêm nas transgressões à Lei, e vibra no limiar da nova era dos Espíritos arrependidos. Este então sente, dentro de si, a doce presença do Hóspede sempre bem-vindo, que porta consigo a paz que estivera adormentada e eclipsada pelo caudal de lágrimas que o leva à desesperação. Agostinho, desde há muito, sem que o soubesses, tem sido o anjo tutelar que te sustém quando a dor te atinge nas dobras do caminho.

Alarico, surpreso, tinha os olhos abundantes de lágrimas ao tomar conhecimento da desvelada dedicação que este Espírito, da mais alta expressão hierárquica, lhe devota. E em profunda meditação, aos olhos do Espírito abrem-se-lhe as portas do arquivo mental permitindo a ele reviver a passagem de sua peleja em minudências, com o então bispo de Hipona. Respeitoso silêncio se fazia no ambiente, mas o Venerando Orientador logo o interrompeu:

- Desde já, portanto, às tuas tarefas normais de socorro nesta Colônia, será acrescida tua preparação ao próximo renascimento na Crosta Terrestre. Estás, segundo sindicância já realizada, pronto para retificar os caminhos percorridos e reencetar a luta pelo ressarcimento de teus débitos do pretérito. No entanto, devemos prevenir-te das provas por que passarás. Faz-se mister, em teu caso, cercar as tendências imanentes de teu Espírito e, para tal, te será imposta nova vestimenta de lepra e chagas, pela qual procurarás dominar tuas características rebeldes: pois que, sem esta misericordiosa providência, mais uma vez, te lançarias às aventuras das dominações desenfreadas. O mapa que te foi traçado indica que milhares de vítimas que fizeste em teu desvario guerreiro, as mutilações dolorosas que perpetraste contra teus inimigos, a sanha injustificada das conquistas efêmeras, as infrações ao direito alheio, as traições, as arbitrariedades, os assassínios em nome

de ideais espúrios, tudo isto, deverá ser reparado por entre torrentes de lágrimas no catre da lepra redentora! Por ora, os recursos do esquecimento irão apagando de teu arquivo mental as lembranças das existências passadas, porém estas, como sabes, estarão sempre incrustadas em teu organismo perispiritual. O cavalgador que dirigia o carro da guerra, dizimando famílias, dilacerando corações após suas pegadas sanguinolentas; o opróbrio que, fascinado pelo poder, transformava aldeias em fogaréus, em nome de suas idiosincrasias, de seu ódio, de suas paixões e que não deixava em sua passagem senão ruínas fumegantes, pastos crestados, marcando-lhe a jornada de degradação histórica, viverá, nesta nova vida, sob o guante das conseqüências e reações de seus atos. Quando não trilhamos a estrada que nos leva ao Pai pelo amor – o caminho mais curto – sobrevem-nos, então, a dor. Tua evolução atual já te permite valorizar os tesouros dos laços familiares, por isso passarás, inicialmente, pelas provas da orfandade e da viuvez para que se vejam reabilitados teus antecedentes cruéis nesta área.

Apesar da doçura com que eram proferidas as palavras, estas repercutiam de forma excruciante em suas lembranças. Embora a necessidade das lembranças, o pranto rolava-lhe do recôndito do ser. O Mentor notou-lhe a emoção, mas considerava-a positiva, pois provinha do arrependimento sincero de um coração amargurado.

- A teu mando – prosseguiu – milhões de açoites erguiam-se, abrindo feridas, mutilando membros, promovendo aleijões, desconjuntando corpos. Aniquilastes a alegria de viver de dezenas de cidades, levando a apreensão e terror à simples aproximação de tropas. Para o resgate de tais violações receberás as Artes por ferramentas, que te permitirão compensar o terror de outrora pela alegria do divertimento sadio que proporcionarás aos povos das cidades em que habitarás. Porém, não as receberás de forma facilitada, não, porque não haverão facilidades para ti. A Espiritualidade estará assistindo teu reeducar e colocará em teu caminho as oportunidades, mas competirá a ti aproveitá-las ou não. A tenacidade e dedicação ao trabalho que tens demonstrado, certamente, te levarão do berço pobre, em que reencarnarás, a uma posição estável e à formação de um lar, pois, por impositivos da Lei de Ação e Reação, reencontrar-se-ão tu e antiga companheira com as mesmas necessidades reencarnatórias. O Lar feliz e a vida próspera irão durar pouco tempo, o necessário para receberes nos braços Espíritos que trilharam muitos passos contigo e necessitam de orientação certa e segura que não lhes proporcionastes em outras vidas.

Curto é o compromisso do Espírito que será tua companheira, por isso, cedo, enviuvarás, ficando-te, à guarda, os filhos pequenos. E, em vista dos débitos a resgatar, não darão tréguas as adversidades. Em teu tecido espiritual estarão inoculados os bacilos da Hanseníase, que deflagrarão quando estiveres no verdor de tua juventude e beleza. A doença será, então, tua abençoada companheira até o fim de teus dias. De jovem belo e requisitado da sociedade, ver-te-ás como um ser desprezado e humilhado por todos.

Enquanto o “mal” estiver corroendo teu corpo lentamente, teu Espírito estará sendo educado nas lições da humildade e da resignação. A vaidade e o orgulho, traços marcantes de tua personalidade, estarão sendo substituídos pela submissão e simplicidade. Ser leproso (Na época, ainda não havia a terapêutica da sulfona que significa cura total ou estagnação da doença e por isso os doentes ainda sofriam a discriminação e a segregação da sociedade. Hoje, sabe-se que é uma doença benigna e de improvável contágio.) significa ser abjeto e desprezível. A humanidade progrediu tecnologicamente, mas ainda, desde os tempos bíblicos, procede da mesma maneira: expulsa e despreza os doentes da pele, cultivando o fantasma do contágio e ignorando que nem sempre são doenças contagiosas e nem sempre sintomas se referem à mesma doença. Sofrerás amargos padecimentos, os amigos te faltarão e a lei te dirá: não poderás voltar! Não poderás ter filhos! Não poderás viver em sociedade! Serás confinado aos limites estreitos de um Hospital para que possas aprender a controlar teu Espírito sequioso de conquistas territoriais. Aprenderás, lá, a valorizar o corpo que te é emprestado pelo Sublime Legislador, a respeitar o direito do próximo e, vendo-se separado do convívio da família, valorizarás também a instituição familiar por sagrada dádiva divina. Entre os companheiros, estarão teus velhos comandados, que também mereceram a oportunidade de regressar à experiência construtiva na Terra, recapitulando as lições não aprendidas. Reconhecerão logo, em ti, seu antigo líder, e dessa situação deverás tirar proveito, para recambiá-los ao Aprisco do Senhor. Injúrias, sarcasmos, humilhações, traições, além dos suplícios físicos, completarão o quadro expiatório que te espera no Orbe Terrestre. Não demorará

muito para que a Humanidade descubra o processo de cura da doença, mas não poderás ser beneficiado por ela, porque necessitas apagar nódoas do passado trevoso que carregas.

O visigodo escutava o Mentor, humilde e silenciosamente, mas a dado instante ocorre-lhe perguntar em que nação deveria ele retornar à Vida Terrestre. O Mentor, observando-lhe a indagação mental, responde-lhe amorosamente:

- Receberás por berço, no mundo, um lugarejo na Pátria do Cruzeiro, terra onde está transplantada a Árvore do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na Pátria do Evangelho, predestinada a abrigar Espíritos de escol, na sagrada missão de reviver o cristianismo do Cristo através da Terceira Revelação, encontrarás o palco de tua nova vida.

Pequena manifestação de alegria quebrou a seriedade com que Alarico ouvia a explanação, mas o Abnegado Servidor, atento aos seus pensamentos, aduziu:

- Sei que exultas, porque já te imaginas próximo da Doutrina Consoladora dos Espíritos, que te poderia oferecer o sustentáculo precioso às duras provas que te aguardam. Porém, lembra-te de que, no meio em que viverás e com a revolta que se alojará em teu coração é de se prever que te afastes de Nosso Maior Amigo. E sem a presença de Deus no coração, será difícil despertar para as realidades da Vida Maior. A Misericórdia Divina permitiu, como já rememoramos, reencontrar-te um dia na França. Onde havias dizimado os antigos gauleses. Nestes mesmos sítios poderias reorganizar a vida política de um Império que desmoronava em seus alicerces essenciais, mas, na condição de Cardeal de Richelieu, Primeiro Ministro, atendendo às exigências escravocratas da Rainha, deflagraste o último período da guerra franco-austríaca, produzindo 10.000 vítimas a cada 24 horas. Renegavas, naqueles instantes, a doutrina cristã que abraçaras por sacerdotício, violando a Lei da Fraternidade Universal e acreditando em dois deuses: Deus e a França. É de se prever, portanto, que teus caminhos sejam percorridos sem a presença Daquele que expulsaste do coração. Ademais, lembra-te que terás, adormecido em teu imo, as lições aqui aprendidas. No princípio, terás inúmeras ocupações que te desviarão do caminho do Senhor. Em seguida, estarás assoberbado por tantas provas, que teu Espírito orgulhoso e vaidoso empanará tua visão espiritual e te impedirá da Ver a claridade da Verdadeira Vida. Se a tudo, por mim descrito, suportares, sem grandes deslizes, sem revoltas de monta, sem te desencaminhares e nem a outros, como em épocas distantes, aí então... o tempo de vida que lhe foi determinado, segundo tuas necessidades, será acrescido de uma sobrevida. O marco delimitador desta sobrevida deverá ser a incredulidade e, caso abrace o ideal cristão, receberás muitas oportunidades de testemunhar em favor do Cristo. Para tanto, receberás do Plano Espiritual toda a retaguarda para arrebatares as algemas que te prendem ao passado culposo e bendizendo os sofrimentos que te afligiram em vida, enxugarás muitas lágrimas alheias e poderás dar muito consolo aos deserdados do caminho...

O Mentor fez pequena pausa em suas considerações. Seu interlocutor não o interrompeu, pois encontrava-se meditando profundamente sobre o exposto.

- Deus nos concede a vida, mas nós lhe traçamos os rumos. Aplica-te com denodo à preparação da reencarnação próxima e não desanimes ante lembranças que te sei amargas. Não te esqueças que todo pôr do sol prepara o raiar de uma nova aurora. Volvamos às raízes de nossos males e veremos que elas provêm do Espírito. A Humanidade presenciou o Filho do Homem curar os enfermos, levantar os paralíticos, limpar os leprosos, expelir os maus Espíritos, no entanto não compreendeu que o Mestre não veio curar estas doenças! Que importa as doenças do corpo? O importante são as doenças do Espírito, e foi para elas que veio Jesus, exortando-nos a amar os nossos inimigos, a perdoar sem restrições, a sermos mansos e pacíficos, a dominarmos nossas paixões e instintos maus... foi para transmitir-nos essas preciosas lições, para a saúde do Espírito, que veio Jesus... por isso, filho meu, não prevariques, não te revoltes quando as feridas do coração sangrarem, não te entregues ao desânimo, e quando estiveres assoberbado pelas dores pungentes que te afligirão, lembra-te sempre que à noite antecede o dia, e que na lição preciosa da Física encontramos o correspondente no campo moral: não se neutraliza em efeito senão invertendo-o à sua causa, para que aí possa encontrar sua compensação!

Emoções contraditórias agitavam a mente do visigodo. Por um lado, a alegria recolhida na grande chance que tanto aguardara. De outro, a apreensão das provas destacadas para sua reencarnação.

O bondoso Mentor interrompeu o diálogo e, abraçando o irmão prestes a voltar ao Plano Físico, transmitiu-lhe toda sua admiração, derramando-lhe cariciosos fluidos magnéticos.

## A REENCARNAÇÃO DE ALARICO

“Tudo tem uma razão de ser na existência humana. Não há um único sofrimento que não seja repetido em sofrimento que tereis que suportar”.

“O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec, Cap. VII

\* \* \* \*

Borebi, São Paulo, foi o vilarejo que recebeu por filho o Espírito reencarnante de Alarico, outro-  
ra poderoso Rei dos Visigodos e que por misericórdia e justiça de Deus viria, em 12 de julho de  
1902, retomar as vestimentas carnis em berço pobre, o que fez com que, prematuramente, Jésus  
Gonçalves conhecesse as asperezas de uma existência árdua e espinhosa.

De sua infância passada em Agudos, São Paulo, pouco se tem conhecimento. Era tutelado por  
seu tio, Antonio Arruda, juntamente com um sobrinho seu, Chiquinho, filho de sua irmã Luiza  
Trindade, já que sua mãe, Josepha Mendes, falecera quando este tinha 3 anos, com tumor maligno  
no intestino e seu pai, João Gonçalves, provavelmente se dedicava ao serviço do lavradio nas  
proximidades de Borebi.

Com 14 anos, o menino e sua família se transfere para Borebi, onde se emprega em serviços  
temporários no campo, ganhando como trabalhadores braçais o pão de cada dia. Assim, teve  
Jésus Gonçalves seu primeiro emprego na fazenda Boa Vista, de propriedade de Ângelo Pinheiro  
Machado. O garoto trabalhava como cultor e beneficiador, ora de algodão ora de café. Nesta  
época, seu tio Antonio de Arruda inicia-o na arte da música e cedo Jésus Gonçalves já ensaiava  
os primeiros acordes num desgastado “baixo de sopro”, juntamente com os outros companheiros  
de Borebi que viriam formar, pouco tempo depois a “Bandinha de Borebi”, verdadeiro feito que  
envaidecia o pequeno vilarejo e animava suas quermesses e bailes de fins de semana. Seus com-  
panheiros nesta empreitada foram: Alberico Salvador Pirone, José Ramos Tomé, José Bastos,  
Lino Vargas, Francisco Braga, Eduardo Luís, Estácio F. Machado e Francisco Fráguas (Chiqui-  
to), seu sobrinho. Tinham como maestro, Antônio Arruda

Estácio Ferreira Machado, seu companheiro de quarto na Fazenda Boa Vista, relata que já àquela  
época Jésus Gonçalves destacava-se por seu Espírito de liderança e que nos seus traços de ado-  
lescente imberbe já dormitava uma personalidade marcante, diferindo dos demais colegas pela  
sua maneira de ser, que não permitia estagnação. Em todos os setores que atuava, a fibra, disci-  
plina e dedicação salientavam-se perante a sociedade de Borebi. Por isso, logo se fez conselheiro  
de todos e amigo procurado nas situações difíceis, já que seu Espírito calmo e ponderado sempre  
sabia dosar o discernimento próprio de alguém bastante vivido.

Colaborador constante da paróquia de Borebi, não regateava esforços para que as promoções e  
festas locais obtivessem o maior êxito possível e, embora o respeito com que participasse de  
quermesses e procissões, apenas assistia às missas quando se tornava necessário cumprir um de-  
ver. Isto para não faltar com o respeito ao costume de sua gente.

Assim Borebi conheceu o garoto Jésus Gonçalves. O tempo passa. Aos 17 anos, arroja-se a pro-  
curar novos rumos, que lhe permitam dar maior impulso aos seus anseios de realização. Con-  
quanto sempre grato a Borebi, sentia que o vilarejo se tornava pequeno demais para a expansão  
de seu Espírito sequioso do saber e do progresso.

Bauru, São Paulo, foi o rincão escolhido. As dificuldades encontradas são muitas, mas nada im-  
pede a vontade férrea do precocemente adulto, Jésus Gonçalves. Seu primeiro endereço na cida-  
de era Rua Cussy Junior, esquina com Ezequiel Ramos. Nesta cidade, teve a oportunidade, du-  
rante algum tempo, de frequentar aulas no Colégio São José, não chegando, porém, a tirar o di-  
ploma de ginásio. No vilarejo de Borebi e em Agudos, onde passou a infância, as primeiras letras  
foram-lhe ensinadas por seu tio Manuel Gonçalves e posteriormente sua tia Luzia. Por tudo isto,  
pode-se dizer que Jésus foi praticamente um autodidata em letras.

Aos 20 anos, após ser investido no cargo de tesoureiro da Prefeitura de Bauru, consorcia-se em  
primeiras núpcias com Theodomira de Oliveira, viúva e com duas filhas, Neréia e Lígia. Dona

Theodomira deu-lhe quatro filhos: Jaime, Jandira, Helena e Carlos. Seu lar, simples mas de bases sólidas graças à moral e ao respeito nele reinantes, logo se abalou com triste acontecimento. Sua esposa, acometida de tuberculose e desenganada, vê-se obrigada a transferir-se para Itapetininga. Contudo, por volta de 1930, parte para a pátria espiritual, deixando a Jésus Gonçalves a tutela de 6 crianças, das quais o menor, Carlos, contava apenas 3 anos de idade. Apesar dos dissabores e das dificuldades domésticas, Jésus Gonçalves destacava-se no ambiente de trabalho e na vida social de Bauru por sua afabilidade e dominadora simpatia. Conquistava, assim, o respeito e a amizade de tantos quantos o conheciam. Os momentos difíceis que se sucederam à perda da estimada companheira não o impediram de continuar levando alegria ao povo da cidade, na sua humilde posição de clarinetista da “Banda da Prefeitura de Bauru”, também conhecida àquela época como “Jazz Band de Bauru”.

O teatro também foi móvel de suas iniciativas naquela cidade. Nas peças, geralmente de sua autoria, atuava como diretor e ator. Eram apresentadas nos Teatros “São Paulo” e “Dante Alighieri”. Em Pederneiras, cidade vizinha, as peças eram levadas no cinema local. Faziam parte da “Companhia” amadora: Paulinho Rodrigues, Francisco Fráguas, Medéia Madeira, Ernesto Perez, Maria Rosa e outros. Das peças encenadas alcançaram sucesso: “Fim do Mundo”. “Mulheres sem Dono”, “O único beijo”, “Coisas da Época” (história de um médico que transformava as pessoas) e “Dois Corações” (de interessante enredo, retratando a Revolução de 1924). Esta última conta a história de um gaúcho que se enamora de uma paulista ao visitar São Paulo. Com a Revolução, é obrigado a voltar ao seu Estado. A peça termina com a seguinte “fala” do personagem: “Adeus, menina paulista. Largo São Paulo, expressão mais brilhante da pátria brasileira, mas acontece que eu tenho outro coração: o Rio Grande do Sul”. Paralelamente a estas atividades, vicejava em seu grande amor ao jornalismo e, embora o seu pouco estudo, trazia consigo a bagagem literária de um autodidata esforçado. Entre inspirado e arrojado, conseguiu engajar-se nas funções de articulista do “Correio do Noroeste” e do “Correio de Bauru”, órgão jornalísticos da cidade de Bauru.

Além da contribuição regular ao “Correio do Noroeste”, artigos em prosa e poesia eram publicados em outros diários como este belo poema que se segue, ainda inédito em livro:

#### A NATUREZA

No poema sincero que agora concebo,  
Direi sem receios, com muita firmeza,  
Que em tudo o que vejo, o que sinto e percebo,  
Contemplo a cantar, nossa Mãe Natureza:

No germe da vida, que surge e palpita  
Nos seres viventes que acabam na morte;  
Que acabam morrendo na luta esquisita,  
Da ânsia do fraco a querer ser mais forte...

No vírus da morte, que ao “nada” conduz  
Os seres que lutam em dura refrega;  
Que vence na vida, o que a vida produz,  
Sem nunca vencer o que a vida lhe entrega.

No homem que nasce, que vive e que morre  
No seio do homem que fica e que passa;  
Gerado no homem, no sangue que corre  
E acaba na morte a vida se enlaça.

Na água do mar, que é da água que aflui  
Das grossas serpentes, que em tramas de fios,  
Rebentam da terra, que ao mar restitui,

As águas serenas que correm nos rios...

Nas lutas das ondas, traquinas, teimosas,  
Que afrontam as rochas e quedam partidas...  
E vão para a praia, arrogantes, vaidosas  
E beijam a areias e se entregam vencidas...

Nas nuvens moventes, que o céu agasalha;  
Que temem e gritam nos choques da luta  
E choram...desfeitas em líquida malha  
E servem a terra em perene permuta...

Nas rochas da serras, que são gigantescas  
Vigias do solo, na rija feitura;  
E vertem das veias as águas mais frescas,  
Que vão para o lodo, em chocante mistura...

No lodo que mancha a pureza das águas  
E vive na terra, que opera tranquila  
E surge de novo, num grito de mágoas,  
No pranto das nuvens que ao lado distila.

Nos campos extensos, bonitos, cheirosos,  
De um verde tapete coberto de flores,  
Que servem de piso aos viventes ditosos,  
Que ali vão torcer os seus ninhos de amores.

Nas lindas estrelas, do espaço inquilinas,  
Que tremem de inveja das luzes maiores,  
Que brilham à noite, gentis, pequeninas,  
Dispostas no céu como luzes menores.

No amor que reside no beijo que estala  
Da boca tremenda daquele que ama;  
Que une, entenece e que à alma nos fala,  
Das coisa sublimes que a alma reclama.

No ódio que quebra, ferino e mordente,  
A graça e beleza ao conjunto seletivo;  
Que mora e se esconde, vivendo latente,  
No cofre que serve de cofre ao afeto.

Nos astros que olham à grande distância  
Num jogo de luzes, as mais reluzentes,  
O giro infundável e sem relutância,  
Dos velhos planetas, que giram dementes

No sopro da brisa, suave e macia,  
Que é filha do vento que ruge em açoites...  
Na noite que zomba da morte do dia  
E o dia que ri da fugida das noites...

No ouro metal, feito em rei dos metais,  
Que é o berço da inveja, discórdia e trapaça

Na moeda que mostra, nas faces iguais,  
De um lado a ventura e do outro desgraça...

Na seiva que marca a velhice das “Eras”,  
Passando nas horas pequenas, velozes;  
Que grita soberba, no grito das feras  
E canta na aves, num misto de vozes...

No fogo latente, que a terra propaga,  
Que o homem transforma, com grande artifício  
Em chamas que o ar estimula e apaga  
E prestam ao homem real benefício.

No sol feito rei, que não tendo dilema,  
É rei soberano, impoluto, solene.  
Mantendo o equilíbrio de todo o “sistema”  
Num elo de fogo que dura perene!...

Na força invisível, Sublime, Portenta,  
Que haja criado, com mão poderosa,  
A “essência-mistério” que tudo alimenta  
E algo nos fala de “Pré-Nebulosa”!...

Passado algum tempo do falecimento de D. Theodomira, vemos Jésus Gonçalves lutar incansavelmente para cumprir sua missão: proporcionar o sustento e a educação necessária às crianças. Conquanto ainda ignorasse os tristes acontecimentos que transformariam sua vida, surge-lhe, como apoio, uma sua vizinha, Anita Vilela, que penetrando em seu Espírito amargurado se dobra em fazer o papel de dona de casa que lhe faltava. Com isto, terminou por envolver seu coração, resultando daí uma união que durou 12 anos até o desencarne desta, tempo em que não faltaram testemunhos de renúncia e abnegação de ambas as partes.

A vida terrena, porém, é purificação. Jésus Gonçalves é atingido por grande provação. Ele nota que se lhe formam pequenas manchas no braço direito e tubérculos nas orelhas. A princípio não lhe causavam maior apreensão, mas com aumento destes, decide procurar um médico que lhe dá o seco diagnóstico: “Devo imediatamente comunicar ao serviço Sanitário Estadual que o senhor é portador do mal de Hansen. Para tanto, solicito sua compreensão e colaboração, no sentido de não fugir às responsabilidades de tão grave e contagiosa moléstia. Tenho certeza de que não ignora a gravidade de seu mal, e as consequências que este acarreta para a vida de seus portadores. Por isso, solicito sua cooperação no sentido de não insurgir-se quanto às sanções e restrições a que estará sujeito, a partir deste momento”.

Ele não conseguia entender, mas a programática reencarnatória cobrava-lhe pesado mas justo tributo. Procurando dominar a agudeza das dores experimentadas, deu largas à reflexão e fez um avinagrado retrospecto da morfeia: palavra multimilenar, sinônimo de mutilação, ulceração, asco maldição ... Ele agora era um imundo!

Seria muito difícil enfrentar a nova situação. Via-se, somente, a ferir-se com o desprezo dos amigos e o escárnio da sociedade! Não conseguia ele alcançar o sentido de justiça que não se perde e que aguardara quinze séculos para chamar-lhe ao acerto de contas. Seus turbilhonados e acres pensamentos relanceavam uma incursão ao fadário que constituía a vida do leproso. Desde tempos imemoriais, estes tristes lacerados, com suas chagas pestilenciais e retratos de horror, se arrastavam ao peso de sua cruz pela via dolorosa do sofrimento. E agora, ele tornara-se um deles!

JÉSUS GONÇALVES -- O LEPROSO



“O homem tem que reparar, no plano físico, o mal que fez no mesmo plano. Torna a descer no cadinho da vida, no próprio meio onde se tornou culpado, para junto daqueles que enganou, despojou, espoliou, sofrer as consequências do modo por que anteriormente procedeu”. “O Problema do Ser, Destino e Dor”! Leon Denis – ed. Feb.

Jésus Gonçalves sempre respeitava a Ordem e a Lei. Não seria agora, com mais esta adversidade, que modificaria sua maneira de ser, desrespeitando as normas da Saúde Pública que obrigava os portadores do mal de Hansen a um afastamento quase total da sociedade. Revoltado a princípio sim; nunca, porém, Jésus tivera a intenção de burlar ou ferir a legislação médica em vigor, pois, acima de tudo fora um respeitador incondicional das leis. Assim, com o Espírito mais dilacerado do que o próprio corpo, vê-se Jésus Gonçalves diante de outra terrível prova: que fim levariam seus pequenos rebentos e sua companheira? Como receberiam eles tão trágica notícia? Aquele Deus, em que não acreditava, impusera-lhe mais uma rude prova e Jésus Gonçalves, revoltado mas submisso, desesperado mas sob controle, sente-se no verdor de seus 27 anos um homem marcado tragicamente pela vida. Neste estado, com as feridas da alma entreabertas, demora algum tempo para se recompor e tomar as decisões necessárias.

Lígia e Neréia, filhas de sua primeira esposa, são entregues à tutela de uma parenta em Itapetininga; Jandira é confiada à tia Luiza Trindade Espanhães, em Bauru. Ele, aposentando-se do funcionalismo público recolhe-se, com o restante da família, a uma moradia cedida pela Câmara Municipal, na Rua Campos Salles, em Vila Falcão. Seus filhos, ainda pequenos para entenderem tão repentina mudança, estranham a presença do pai o dia todo em casa; ele, que sempre fora tão ativo e ocupado em seus afazeres profissionais. O “Correio da Noroeste” continua recebendo seus artigos, mas o inquieto redator, acorrentado em seus anseios e sequioso de trabalho, não se conforma diante da inatividade forçada.

Um amigo e compadre seu, João Martins Coub, entendendo-lhe a angústia, cede-lhe o usufruto de um sítio, nas proximidades de Bauru. Para ali, Jésus se transfere com seus familiares. Seu Espírito inquieto atira-se com a mesma fibra de sempre ao trabalho do lavradio, principalmente ao cultivo de melancia e outras frutas, tentando com este afogar as lágrimas de mágoa que a doença lhe impunha.

Contudo, para uma vida predestinada ao sofrimento, à frustração, já se poderia prever que aqueles momentos de trégua seriam passageiros. De fato, em 16 de agosto de 1933, uma perua do Serviço Sanitário rouba-o implacavelmente do convívio da família e procede a seu internamento no Asilo-Colônia Aymorés, recém-inaugurado em Bauru.

Jésus Gonçalves já esperava por este momento. Deste modo, aceita resignado a nova situação, para surpresa dos funcionários da Saúde Pública que, normalmente, enfrentavam grande resistência e revolta dos doentes.

As exulcerações lepromatosas já se faziam mais visíveis. Em breve, previa, deveria estar reduzido a um monte de carne disforme se não enlouquecesse até lá...

Onde estava o “Deus” de que tanto falavam?

O que fizera de tão cruel, para que Ele o atingisse com o guante de tão amargosa desgraça? Dentre tantos flagelos, misérias e castigos que existiam no mundo, porque logo a “doença de Lázaro” para ele?

E assim, entre dúvidas e imprecações íntimas, rasgavam-lhe o peito relâmpagos de revolta a renunciarem a chegada próxima da borrasca nos meandros de seu destino.

## NO LEPROSÁRIO DE AYMORÉS

“O doente de Hansen não precisa de piedade. Não precisa de compaixão. Precisa e precisa muito é de solidariedade e compreensão”. Malba Tahan.

Data de 26 de agosto de 1933 o prontuário de entrada nº 3351, do cidadão Jésus Gonçalves no Asilo-Colônia Aymorés. Na sociedade em que passa a viver, são todos iguais a ele: elementos que trazem nas chagas do corpo as marcas dos erros de existências passadas; ali, unidos em sofrimento, amigos e inimigos de outras vidas suportam-se uns aos outros, tentando, através da doença do corpo, restituir a saúde do Espírito.

Intimamente J3sus Gonçalves mostrava-se mais resignado, como que se conscientizando de que n3o adiantariam arroubos de revolta, ao pensar na felicidade que tantas vezes se lhe escapara das m3os. No entanto, o rancor que n3o se extravasa em atos, mostrava-se dominador, exuberante, em suas produ3es, como vemos no soneto “Uma Vida”. do livro “Flores de Outono” ed. Lake.

Nasci numa paup3rrima palhoa,  
Onde passei a inf3ncia e a juventude,  
Ferindo as m3os no labutar da roça,  
Queimado pelo sol, na luta rude.

Dupla orfandade me colheu. E pude  
Ver o destino, como zomba e troa,  
De quem tem nesta vida, em plenitude,  
Todo o mist3rio que uma vida esboça.

Cresci. Lutei. Sem ter o privil3gio  
Da “Carta” que se ganha no col3gio  
E que clareia ao homem seu fad3rio.

Da palhoa passei para os sal3es,  
Onde nasceram novas ilus3es,  
Que vieram sucumbir num lepros3rio!...

Apesar das revoltas e frustra3es, seu Esp3rito nunca se deixou sucumbir ante a ociosidade e de-s3nimo. L3der por excel3ncia, modelo de homem correto e cumpridor de seus deveres, tolerante e calmo, no breve tempo em que esteve internado em Aymor3s cultivou sinceras amizades. Man-teve-se 3 frente de diversas iniciativas, como a funda3o do jornalzinho interno “O Momento”. Escreveu e interpretou muitas peças teatrais, participando tamb3m da cria3o do “Jazz Band de Aymor3s” e da equipe de futebol. Foram seus companheiros no “Jazz Band” e contempor3neos de Aymor3s: Em3lio Francisco Pains, Jos3 Belber, Duque, 3ngelo Santini, Mour3o, Lelo, Durval Campos, Guido Petrelli, Calazans e Bento.

Um deles, Os3rio, mereceu mais tarde de J3sus o interessante soneto que se segue: do livro “Flo-res de Outono” – ed. Lake

Os3rio. A ti que 3s “troa” da cidade,  
se os homens n3o s3o bons, n3o s3o tiranos;  
jamais espreita o sono uma saudade  
nem a esperança se aniquila em planos...

N3o sofres de descrença ou desenganos,  
porque n3o tens inveja nem vaidade.  
Pouco te importa o suceder dos anos,  
sempre menino a envelhecer na idade.

Por isso, tu, que causas d3 pungente,  
aos que merecem pena em suas paix3es,  
a mim, causas inveja, simplesmente...

Sim!... Quem me dera ter gelado o tino!  
N3o habitar castelos de ilus3es...  
E n3o viver 3 espera do destino!

Na impossibilidade de receberem grupos art3sticos no Asilo, J3sus Gonçalves e o grupo teatral interno representavam peças de sua autoria ou adaptadas por ele. Destacaram-se nessas apresen-

tações as peças “Bombonzinho”, adaptada de Viriato Correa, e “O Outro André”, de Correa Varella à qual “O Momento” assim se refere em sua edição de 13 de abril de 1936:

## NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA – TEATRO

Realizou-se ontem, conforme fora anunciado, o espetáculo do Grupo de Amadores local. Subiu à cena, rigorosamente ensaiada, a linda e engraçadíssima comédia “O Outro André”, em 3 atos, de Correa Varella. Falta-nos espaço para descrever o espetáculo em toda a sua perfeição e brilhantismo. Podemos adiantar, entretanto, que a noitada de ontem ultrapassou todos os limites de todas as expectativas. A representação de “O outro André” constituiu uma glória para os nossos amadores de teatro. A interpretação que deram, todos, aos papéis, valeu uma consagração. Estiveram todos impecáveis, dando mostras de grande amor pela arte, para elevarem-se mais no bom conceito que todos fazíamos deles. Não é possível destacar elementos, como é impossível apontar falhas. A peça discorreu num crescendo de perfeição, para terminar sob os grandes aplausos de uma plateia colossal.

O público numerosíssimo, riu a valer. Riu e aplaudiu, com o entusiasmo sincero de quem gosta. Entre a grande assistência, vimos muitas pessoas de Bauru e bem assim, o corpo de funcionários do Asilo. Dos de Bauru destacamos de relance, as Sras. Prosperina de Queiroz e marido, Albertina Lopes Abelha, Cecília Lopes Abelha, Evangelina Kruger e tantíssimos outros, cujos nomes nos escaparam.

A montagem esteve brilhantíssima com riquíssimos cenários oferecidos pelo consagrado ator brasileiro Procópio Ferreira. Nossos parabéns ao extraordinário conjunto cênico local.

Na verdade, graças aos talentos que o destacava dos demais e ao Espírito empreendedor e vibrante no trato de tudo que abraçava, não lhe foi difícil granjear também a simpatia da Direção do Hospital. Isto fez sua fama ultrapassar os limites de Aymorés, indo alcançar outros Sanatórios e até mesmo o Centro Estadual de Profilaxia da Lepra, em São Paulo. Faz-se mister realçar este último detalhe, porque foi graças ao prestígio de Jésus Gonçalves, que sua dedicada companheira Anita, apesar de ser sadia, conseguiu, depois de certa relutância de Jésus, internar-se em Aymorés, para viver com ele e seu primogênito, Jaime, também suspeito de ser portador da moléstia. Numa época em que constituía ato de heroísmo até mesmo estender a mão a um doente de lepra e, onde minguadas e espaçadas visitas de entes queridos eram obrigatoriamente realizadas nos famosos “parlatórios”, que separavam, aviltantemente, corações unidos pelo amor, esta maravilhosa companheira dá sublime prova de renúncia e amor a Jésus Gonçalves, atitude esta só consignada nos arquivos da memória de quantos a conheceram àquela época em Aymorés. Na realidade, dado o rigor com que eram dirigidos os Sanatórios de Hansenianos nesse tempo, foi impossível encontrar em seus arquivos o prontuário de Anita Vilela, presumindo-se, portanto, uma pseudoclandestinidade da mesma.

Anteriormente à fundação de Asilo-Colônia Aymorés, havia na cidade a “Liga de São Lázaro de Bauru” que tinha por fim abrigar e defender os interesses dos hansenianos. Com a criação de “Aymorés”, esta perdeu sua razão de ser mas antes de extinta foi assunto de muitas controvérsias quanto a destinação de seu patrimônio.

Jésus Gonçalves, partícipe da absorção desta Caixa Beneficente de Asilo, fez publicar o seguinte artigo no jornal “O Momento” de 12 de março de 1936, interessante não só pela reconstituição dos fatos, como também pelos comentários nele inseridos a respeito da situação e da personalidade dos hansenianos em geral:

### O DIREITO E A JUSTIÇA - O CASO DA LIGA DE SÃO LÁZARO DE BAURU

Jésus Gonçalves

“Vai realizar-se, no sábado próximo, 14 do corrente, uma reunião, ou melhor, uma assembleia, entre os associados da velha “Liga de São Lázaro” de Bauru. O assunto a ser desenvolvido nessa reunião coletiva parece ligar-se, segundo é notório, ao estudo definitivo da situação que lhe foi criada depois da inauguração do Asilo-Colônia Aymorés. Será mesmo, decerto, dissolvida a “Liga”, visto a sua nenhuma razão de ser presente época. Antes que essa reunião se realize, reser-

va-me a circunstância o direito de algumas palavras. Não há, porém, nesta minha atitude nenhuma influência superior oculta e nem está ligada ao sentimento subalterno do servilismo.

Como redator deste pequenino jornal e como humilde servidor do Asilo onde vivo, julgo não ser demais a minha palavra em torno desse assunto palpitante. E, manifestando o meu pensamento, a minha pena desliza sobre o papel com aquela facilidade dos que se entregam à defesa de uma causa nobilíssima. Oxalá o grito do meu coração possa chegar até a mesa dos trabalhos da “Liga” e ali exercer a influência da Justiça e do Direito.

Na hipótese da dissolução da sociedade, o seu patrimônio será por força, transferido a uma outra instituição congênere, que haja nascido para os mesmos fins e propósitos. Não sei, pois, qual, a direção que vão tomar os trabalhos da assembleia, e nem tampouco o desfecho de suas resoluções. Não conheço o estado de Espírito de cada um dos participantes à próxima reunião, bem como, desconheço o pensamento que os anima em relação a esse acontecimento de suma responsabilidade.

Partindo, entretanto, de um princípio de lógica e de justiça, de coerência e de direito, suponho que todos os atuais componentes da velha associação beneficente tenham os seus pensamentos voltados para a “Caixa Beneficente” do Asilo-Colônia Aymorés. O patrimônio da “Liga” foi angariado em nome do leproso, em nome de sua dor, em nome de sua desgraça, em nome da lástima que ele causava... Por isso a ele deve ser dado o que é dele! Entendo que assim pensam todos e não duvido um instante sequer da compreensão dos bauruenses que, reunidos, vão decidir de uma causa sagrada!

Sucedem essas coisas, precisamente quando a “C. B.” se acha em face do seu maior problema, esboçando a construção de um cassino no Asilo, dadas as condições atuais do leproso encarcerado, e que constitui o anseio de quantos veem na sua solução, a conquista legítima de uma aspiração inadiável. Ninguém, de boa fé e consciência, pode conceber a ideia de que seja possível arrancar-se o doente do seio de sua família, calcando-lhe no coração a flecha da saudade infinita e tolhendo-lhe os movimentos de um cristão livre, para encarcerá-lo, sem outras cogitações que não sejam as de usufruir benefícios da sua desgraça! Ninguém, decerto, alimentará a ideia de que ao doente para viver bastam-lhe o alimento e o agasalho do corpo... dando-lhe como direito, apenas, o direito de vida, simplesmente, assistindo estático o movimento dos astros que marcam os dias e as noites. Não! O doente internado, mais do que ninguém, precisa de lenitivo confortante do movimento. Precisa organizar-se coletivamente, divertindo-se e instruindo-se também em comum, a fim de que as saudades não lhe trucidem mais o Espírito enegrecido!

A vida do Asilo, em todas as suas modalidades, só pode ser compreendida de fato, por aquele que, tombando em meio da existência, se vê arrastado pela desgraça, à mísera condição de um asilado... No ambiente limitado e triste de um asilo, não correm os trens do progresso e nem poucam os aviões da civilização; não interessam os negócios da bolsa e pouco importam as oscilações do câmbio; não se discutem estatísticas das safras algodoeiras e a política nacional vive à margem dos acontecimentos naturais. O doente internado no asilo não é pois um renegado moral. Tem o físico abatido, minado pelo vírus terrível, mas glorifica o Espírito no santo sacrifício do desprendimento. Chora a sua eterna desgraça, afogando no coração todas as aspirações de criatura, mas vive altaneiro e contente, porque serve aos seus semelhantes!

Por tudo isso, é preciso que se dê ao doente o máximo de conforto, preparando-lhe o Espírito para a aceitação da lei que o prende e que tolhe os movimentos. É preciso ensiná-lo a colaborar numa sociedade à parte, que vem a ser a sociedade hanseniana. Ser doente não constitui um crime; se não significa um delito, lógico concluir que o asilo não foi criado para ser uma cadeia. Esse o ponto de vista predominante no seio dos dirigentes da Instituição Estadual e é esse o ponto de vista que a sua “Caixa Beneficente” se propõe realizar, para o que, conta com o apoio destas modestas colunas.

Dito que o internado não pode viver no espaço sombrio de quatro paredes tristes, contemplando tão somente o desmoronamento do seu próprio “EU”, sem alimentar outra esperança que a de ali morrer, fácil a conclusão de que é preciso aproximá-lo o mais possível da vida livre que ele próprio deixou em benefício da pátria e dos seus compatriotas.

Reside nesse ponto o empenho da “Caixa Beneficente”. Por isso, pretende ela construir o cassino, para dar ao doente o direito de assistir um cinema, de ir ao teatro, de frequentar uma socieda-

de dançante, de sentar-se nos bancos de uma escola. A construção do edifício impõe-se pois, como uma necessidade de primeira linha.

Mas, pergunto, construir como? Se os saldos da sociedade não chegam ao início de uma obra desse vulto? Como aniquilar os pequenos fundos de reserva que estabelecem a base das despesas orçamentárias da Instituição? Recorrer novamente à caridade pública, já, afigura-se-me uma coisa que deve pesar na consciência, nesta época em que o povo paulista se vê a braços com dificuldades várias, sobrecarregado pelas majorações da vida contemporânea. Daí o concluir que, sendo a “Caixa Beneficente” deste Asilo legítima herdeira dos bens da sociedade bauruense que vai encerrar o seu ciclo de atividades, é chegado o momento propício à realização desse objetivo. Contando com o capital que, por Justiça e Direito lhe pertence, tornará em realidade esse traço administrativo que tem vivido como um sonho. Só assim a “C.B.” atingirá os fins instituídos em suas leis fundamentais, no desdobramento de um trabalho fecundo e recíproco.

Mais adiante, no mesmo exemplar do Jornal, encontramos a seguinte referência de Jésus Gonçalves:

## FATOS E INFORMAÇÕES

O Sr. J.G. apareceu-nos no domingo último com uma imensa, uma gigantesca flor na lapela... Que gosto...

## TRANSFERÊNCIA PARA PIRAPITINGUI

### SOLIDARIEDADE

Em baixo destes céus, por estes ares,  
onde eu sou triste em lúgubre morada...  
faz moradia alegre a passarada  
que sabe ser feliz e sem pesares,

Nas moitas, nos jardins, pela ramada,  
andam pardais aos mil, pombos aos pares,  
cantando as mil canções da madrugada,  
no confuso rumor dos mil cantares!

E em primavera eterna e venturosa,  
Não abandonam eles a paragem,  
Sem ter medo da doença contagiosa...

Por isso aos passarinhos amo tanto!  
E se entendesse deles a linguagem,  
Com eles cantaria o mesmo canto.

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono”, Ed. La-

ke)

Pejada de lances dramáticos e estratégias rocambolescas foi a transferência de Jésus Gonçalves para Pirapitingui.

O mesmo Espírito empreendedor e dinâmico que fez conquistar lugar de destaque perante os internos de Aymorés e a direção do Hospital, fez com que, durante tempo, fossem sufocados seus anseios de mudança de Sanatório, pois era fama corrente na época que o Hospital Padre Bento, em Guarulhos, São Paulo, oferecia melhor assistência médica, e Jésus, que sofria muito com seus problemas de fígado, desejava transferir-se para lá, no intuito de beneficiar-se com essa assistência. No entanto, de nada lhe valia o prestígio conquistado junto ao Dr. Francisco Salles Gomes,

Diretor do Instituto de Profilaxia da lepra em São Paulo, já que suas cartas e esperanças morriam nas mãos do Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, Diretor do Sanatório de Aymorés, que não queria ver seu mais ativo e dinâmico interno transferido para outro Hospital. Numerosas cartas foram remetidas e a resposta não vinha. Com isto, Jésus Gonçalves, desconfiado do que estava acontecendo, e já magoado com as querelas com o então diretor da Caixa Beneficente do Asilo, João Ferraz, que quase culminaram com a saída de Anita, sua companheira, do Sanatório, arquitetou arriscado plano, a fim de estabelecer contato com o Dr. Salles Gomes, em São Paulo. Numa época em que fugir ou ausentar-se de um Hospital de Hansenianos era comparado a uma fuga de prisão, Jésus Gonçalves, premido pelas circunstâncias e contrariando até mesmo seus princípios, planeja uma escapulida de Aymorés, de seu filho Jaime e do companheiro Julinho, ambos com 14 anos aproximadamente, para Bauru providenciarem o devido contato com São Paulo. Depois de vários dias estudando os melhores locais e o momento adequado, Jaime e Julinho, valendo-se de seus espíritos aventureiros, lançaram-se em direção a Bauru, distante 12 ou 13 Km de Aymorés, e lá, ultrapassado o espanto inicial de Luíza e Jandira, tia e filha de Jésus, colocam-nas a par da situação e empreendem rápida jornada de volta.

Não demorou muito tempo para obterem a ansiada resposta: Dr. Salles Gomes envia uma ambulância com o Ofício de Transferência para Padre Bento de Jésus Gonçalves e seu filho Jaime, para surpresa e indignação do Dr. Enéas, que sem saber como haviam conseguido realizar o contato, entre inconformado e furioso, não sabia que argumentos usar para reter seu mais famoso interno em Aymorés.

Embora deixando resquícios de seu coração em Aymorés, pelos seus amigos queridos que lá cativara, segue, Jésus Gonçalves, entre célere e vitorioso, a 21 de setembro de 1937, rumo a Padre Bento. No entanto, a viagem foi-lhe um tormento; as dores no fígado castigaram-no tanto, que a ambulância teve de fazer uma parada forçada no Hospital de Pirapitingui, em Itu, na metade do trajeto, para que este pudesse descansar um pouco e receber a assistência médica necessária. Aportando em Pirapitingui, o Diretor do Hospital, Dr. Marcelo Guimarães Leite, conhecendo-lhe a fama, retarda sua partida, até convencê-lo a ficar ali, sob promessa de maiores e melhores cuidados médicos. Esse argumento foi o bastante para convencer Jésus Gonçalves, já que transferir-se para “Padre Bento” representava tão somente promessa e não garantia de melhoria no tratamento médico.

## JÉBUS GONÇALVES – O ATEU

FALTA (1940)

Onde andaré um “não sei que”, um Bem,  
em cuja busca sou judeu errante?  
Por onde eu passo, já passou também...  
E quando chego já partiu há instante...

Não sei se está na vida, ou mais adiante,  
dentro da morte, nas mansões do além...  
Se está no amor... se está na fé, perante  
os dois altares que esta vida tem.

Mas, se esta vida é um sonho, a morte o nada;  
por que manter-se em luta desvairada?...

No entanto, eu sigo... acovardado, triste...  
a procurar em tudo que não creio,  
a coisa que me falta e não existe!

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono” – Ed.Lake)

Em Pirapitingui, a odisseia de J3sus prossegue. Mais um cap3tulo de sua vida 3 iniciado e a tem3tica permanece a mesma: o flagelo de uma doen3a que n3o tem pressa de caminhar, mas 3 implac3vel e dominador em sua trajet3ria. Lentamente vai tomando conta das extremidades do corpo para ent3o atingir os 3rg3os vitais, seu alvo principal. A cada passo, em se deparando com o ex3rcito de rem3dios que tentam impedir-lhe a passagem, eis que... n3o se desespera, e ap3s pequeno acordo, rompe a tregua moment3nea e inflex3vel, avança incontinenti rumo ao seu alvo. A destrui3o 3 lenta, cruciante e inoperosos se tornam cada vez mais os medicamentos. Ela n3o respeita, n3o transige, n3o faz armist3cios, n3o aceita treguas. 3 implac3vel. N3o perdoa.

A dor, a ang3stia e a solid3o fazem com que os indiv3duos busquem o rem3dio apropriado e J3sus Gon3alves n3o foge 3 regra; tamb3m O busca, mas, mesmo Ele estando dentro do cora3o do enfermo a rode3-lo, ainda assim, J3sus Gon3alves O nega, procurando-O somente nas vestimentas do trabalho, da atividade art3stica, da cria3o. Precisaria surgir uma “Estrada de Damasco” na trajet3ria deste homem, para que o gigante adormecido dentro dele viesse 3 tona? Ele possu3a quase tudo em seu mundo: amigos, prest3gio, n3vel intelectual, art3stico; era um l3der em potencial e estava 3 frente de todas as iniciativas. Contudo, n3o se completava. Faltava algo dentro dele. J3sus Gon3alves era ateu. Ainda, por mais uma vez, traduzia ele sua amargura, em versos:

Em mim reside um mal, uma agonia,  
Que torna o meu viver indiferente.  
Talvez um crime que minh’alma expia,  
- o crime de sonhar e de ser crente...

Tudo o que 3 belo, est3 de mim ausente.  
A tudo estou alheio... Todavia,  
a morte tarda. E eu vou contando, doente...  
o lento gotejar do dia-a-dia...

As sombras do passado, j3 distantes;  
as promessas futuras, provocantes;  
- tudo morreu em mim, sem ter rem3dio.

Creio at3 que este mal que n3o tem cura,  
comigo ir3 morar na sepultura,  
p’ra que dentro da terra eu tenha o t3dio!

Pouco tempo depois de sua chegada a Pirapitingui, J3sus Gon3alves j3 se revela o mesmo indiv3duo absorvente de sempre. Logo v3 3 sua volta grande roda de amigo que o cercam como se, de h3 muito, o tivessem como l3der, a ponto de muitos n3o o chamarem pelo nome, mas pelo apelido – mestre – pois, salientando-se sobre os demais, era requisitado a opinar e a aconselhar sempre que a ocasi3o se apresentasse. Cedo reconheceram nele um homem um tanto diferente dos demais internos; seu car3ter reto, 3ntegro, denunciava ali a presen3a de algu3m amante da disciplina, da ordem, dos bons costumes; sua altivez, pr3pria de guerreiro vencedor frente ao vencido, camuflava a do3ura e o sentimento de um artista, que fazia da pena do poeta e do teatr3logo porta-voz de uma alma univ3rsica, acorrentada aos limites da carne. Sim, J3sus Gon3alves n3o era mais um interno, dos muitos que iam e vinham. J3sus Gon3alves, perceberam logo, era algu3m predestinado a deixar na hist3ria do Hospital seu nome marcado em letras de gl3ria. Sua primeira iniciativa, no campo da lideran3a que estava no seu sangue, foi candidatar-se 3 Presid3ncia da Caixa Beneficente. Este era um 3rg3o pertencente aos internos que se constitu3a numa esp3cie de Prefeitura e estava reportada 3 Dire3o do Hospital. A Caixa, como ainda o 3 hoje, dirige as atividades comerciais existentes no Hospital, tais como cooperativa de alimentos; f3bricas de sab3o, colch3o, guaran3; olaria; lavoura; pecu3ria; al3m de ser 3rg3o representante dos internos e distribuidor das verbas recebidas do governo pelo Hospital, aos internos mais carentes. J3 era dada como certa sua vit3ria nas urnas quando foi interrompido o processo eleitoral devido ao

Golpe de Estado de 1937, ocasionando a prorrogação do mandato do então Presidente da Caixa. Diligente como sempre, suas iniciativas logo foram movimentando a vida até então monótona do Hospital. Suas adaptações e produções teatrais, da comédia à tragédia, marcaram época; um “Jazz Band” foi fundado; conseguiu, junto à Direção do Hospital, a implantação de uma Estação de Rádio (PRC-2 – Rádio Clube de Pirapitingui), que funciona até os dias de hoje; e fundou ainda um jornalzinho interno, “O NOSSO JORNAL”, do qual era diretor e redator.

A PRC-2, Rádio Clube de Pirapitingui, foi fundada a 20 de agosto de 1939, montada por um técnico da cidade de Itu, João Pandof, e por um interno do Hospital, Antonio Clarassol. Suas precárias instalações ficavam inicialmente no porão da enfermaria A, na Rua do Salto. A direção da Rádio era de Jésus e colaboravam com ele na programação; Ângela Serralho Scavoni, Valentim Montorso, Esmeralda Zúquere, Filomena Rossi e, bem mais tarde, entre 1945 e 1948, o filho de Jésus, Jaime Gonçalves. Posteriormente, a Rádio foi transferida para instalações mais apropriadas na Praça Margarida Galvão.

Singular episódio ocorreu certa vez no programa “De você para você” e que bem caracteriza a personalidade materialista de nosso biografado. Este programa era apresentado diariamente pelo interno Valentim Montorso e sua maneira clássica de terminar o programa era: - Para amanhã, nova apresentação do programa “De você para você” se Deus quiser! Jésus Gonçalves, que estava por perto neste dia, pegou o microfone na mão e retrucou: - Se Deus quiser não, se eu quiser, porque quem manda aqui sou eu.

Também nas apresentações teatrais fluía o caráter materialista de Jésus Gonçalves. Uma das peças encenadas em Pirapitingui foi “Deus e a Natureza” que, apesar do nome, apresentava Deus à maneira do autor e de tal modo distorcida que o Padre católico na ocasião, Antonio de Moura Proença, proibiu os menores e as senhoritas de sua Igreja de assisti-la. Outra representação muito apreciada foi a peça “O Divino Perfume”. Participavam do grupo cênico: Jésus Gonçalves, Rita Romero, Silvio Neto, Zinda Anizini, Lídia Tassi e outros.

Suas leituras preferidas eram romances e contos policiais, principalmente Victor Hugo (em vida) e Arthur Conan Doyle (Sherlock-Holmes). O jornal que assinava era o “Diário de São Paulo”.

Apesar de todo este dinamismo, um vazio imenso ainda o acompanhava por onde quer que fosse. Queria compreender a razão desse vácuo, descobrir coisas novas, sair espiritualmente dos limites estreitos daquele Hospital, ali permanecendo fisicamente; permitir, enfim, à sua imaginação que desse voos à cata das respostas que há tanto procurava! Percebia, aquele homem, que se aproximava o final de sua passagem terrena e aquilo que durante a vida toda buscara não havia encontrado ainda. Isso o angustiava, o maltratava, mais do que as próprias chagas que lhe cobriam o corpo. Será que morreria sem obter resposta às suas interrogações? A quem recorreria?

Segundo relato de Ninita, habitante do hospital e que mais tarde viria a unir-se em matrimônio Jésus, causava-lhe um misto de tristeza e piedade ver aquele homem tão revoltado e afastado de Deus. Não raras vezes, surpreendiam-no monologando ironicamente com a imagem do Cristo, no alto da parede da Capela: Dizem que tudo percorreste; as estradas e os momentos, pregando a igualdade no mundo. Mas onde está a tua bondade, o teu amor, fazendo sofrer pobres criancinhas que não pecaram e sofrem a mais negra situação de miséria física? Olhe para esta criancinha leprosa, sem pés, sem dedos, sem mãos. Que mal fez ela para castigares impiedosamente? Cristo, responde-me, onde está o teu cantado amor pelos homens, pelas crianças? Outras vezes, irrompia dele a revolta traduzida em versos:

Rompe a alvorada. O dia se levanta.  
Triste canário, uma canção solfeja,  
em doce voz, em melodia santa,  
implora a liberdade que planeja!

Também anseio o que o canário almeja  
nesse cantar que a grande dor suplanta.  
Ele, mais forte, canta o que deseja,  
como mais fraco, eu choro o que ele canta...



Um dia, eu disse ao pássaro em segredo:  
- lamento o teu sofrer, o teu degrado,  
já que nenhum de nós é criminoso...

Lamento que te deem a mesma sorte,  
que a tua inocência a mesma dor suporte,  
quando tu nem ao menos és leproso!

Ninita ficava transida de horror diante das blasfêmias de Jésus Gonçalves. Expelia, ele, pelos lábios, a grande indignação que lhe habitava o coração, contra Cristo e contra Deus, ao ver seu próprio corpo e dos amigos, consumindo-se pela incurável moléstia. Sua amiga Ninita, que já à época era adepta da Doutrina Espírita, tentava transmitir-lhe, sem sucesso, alguns ensinamentos do mestre lionês Alan Kardec, buscando amenizar os estados depressivos que se tornavam cada vez mais frequentes: “A tua revolta é justa. Foste ensinado erradamente de que existe uma única vida, que começa no berço e termina num banquete de vermes. Instruíram-te a respeito de uma vida que termina no nada e por isso é justa a tua revolta. Te deram uma imagem distorcida de Divindade e por isso hoje não crês em um Ser Superior e nem na Justiça Divina. Porém, se raciocinasses melhor e olhasses o mundo com outros olhos, verias que a Justiça Divina é sábia e é pena que poucos a compreendam. Ninguém sofre por acaso ou por maldade. Pagas hoje os erros de tuas vidas passadas e pagarás amanhã os erros cometidos nesta presente passagem pela Terra. Somos hoje o que fomos ontem e seremos amanhã o que formos hoje. Ninguém escapará à Grande Lei. Deus dá a liberdade de agires como quiseses, mas, lembra-te será responsável por teus atos. Receberá a recompensa ou o castigo segundo a qualidade dos frutos que produzires. É a Lei de Causa e Efeito, que faz com que compreendamos a misericórdia do Pai”.

E assim, Ninita ia tentando abafar o grito de desespero preste a eclodir dos recessos do Espírito daquele ser em constante busca de alguma coisa que não podia, sequer ele, precisar o que era. Só sabia que buscava. E essa busca o afligia, o corroia, o maltratava. Era a procura interminável fora de si de algo que estava em si próprio. Não compreendera ele, ainda, que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, e que antes de O descobirmos no exterior, Ele acena dentro de nós e nos conclama a irmos em direção a Ele. È Deus dentro de nós. É Deus nos convidando para o banquete da fraternidade universal.

Este era o quadro da época de Jésus Gonçalves, o conselheiro de todos, o arrimo dos deserdados, o amparo dos aflitos, o amigo das horas difíceis, exteriormente seguro, mas interiormente vulnerável, incompleto, e, mais do que nunca, irrealizado, pois ao aproximar-se o fim da vida, não conseguia calar dentro de si a voz que continuava indagando: Como? Quando? Onde? Por quê?

Retrato fiel do homem que vencera muitas batalhas, mas que perdia aquela, assim se apresentava aquele Jésus, cada vez mais intrigante, taciturno, introspectivo; até que outro triste acontecimento viria fincar nova marca em seu Espírito já tão sofrido, mas que, a contrabalançar com a Justiça Divina, permitir-lhe-ia dar novo rumo à sua vida.

Sua companheira querida, que tantos testemunhos de amor lhe havia dado e depois de uma união de 12 anos, 11 dos quais em Asilos de Hansenianos, finda sua existência na Terra vitimada por dura e impiedosa moléstia – câncer no útero.

Poucos homens podem regozijar-se de terem encontrado numa mulher tantos testemunhos de dedicação e renúncia como Anita Vilela sobejamente o demonstrou a Jésus. Numa época em que a moléstia de hansen afastava amigos e parentes, e seus portadores eram tidos como elementos desprezíveis e abjetos, esta mulher renunciou à sua juventude e beleza, e após inúmeras dificuldades junto à Saúde Pública, mesmo sendo sã, internou-se nos sanatórios em que Jésus esteve, para tratá-lo e não faltar com o apoio de companheira. Ao depararmo-nos com esta situação, inusitada e bela, lembramos-nos de Lívia, do romance “Há Dois Mil Anos”, ao dedicar sublime música a seu amado, o senador romano Públio Lêntulus:

“Alma Gêmea de minh’alma,  
Se eu te perder, algum dia,  
Serei a escura agonia

Da saudade nos seus véus...

Se um dia me abandonares,  
Luz terna dos meus amores  
Hei de esperar-te, entre as flores  
Da claridade dos céus...”

Como se já não bastassem os doces sacrifícios de Anita por Jéus Gonçalves, eis que até a própria vida esta oferece, para que Jéus descerrasse a espessa cortina de sua ignorância espiritual! Foi com seu desencarne que começaram a ruir dentro de Jéus as bases ateístas que teimava sustentar. Assim, aos 3 de março de 1943, ao velarem o corpo de Anita, Jéus Gonçalves e seus companheiros de Pirapitingui se veem subitamente perplexos diante de surpreendente cena! Mafalda, interna que há poucos dias havia-se casado com Jaime, filho de Jéus, diz estar vendo o corpo astral da falecida e depois, tomada de terror e espanto, já que pela primeira vez, e segundo seu próprio relato, a última, travava contato com um fenômeno mediúnico, passa a gritar histericamente e a bater nas costas de um dos presentes; Biguá, ex-jogador profissional de futebol, já desencarnado, numa cena grotesca pelas proporções de escândalo que atingiu, mas ao mesmo tempo, verdadeiramente autêntica, pois nunca se poderia conceber que a protagonista, jovem de 17 anos, ainda enleada em seus sonhos de ventura e felicidade, estivesse forjando tal situação. A cena perdura, entremeada de momentos de lucidez e transe mediúnico de Mafalda, até que, sem preparo para viver tal situação, é retirada do local por Jaime. Jéus, então, censura severamente Jordelina, médium presente ao velório, que utilizava-se do passe e água fluídica para acalmar a recém-casada Mafalda. Desgostoso com o falecimento da esposa e com o clima de mistério que se formara no ambiente, repreende: - “Não gosto de pactuadas comigo. Tudo isso é bobagem! Deixe de feitiçaria, Jordelina!”. Logo, Jordelina Linhares da Silva, médium de incorporação, se predispõe a servir de intermediária para que houvesse a manifestação do Espírito e, apesar da incredulidade de Jéus, a mensagem vinha trazer do Além-Túmulo o chamamento que durante 40 anos não encontrara eco em seu coração. Em linguagem bastante íntima dos dois, assim se dirige a ele: - “Velho, não duvides mais. Deus existe!”. E prosseguiu sua conversação em termos que impressionaram bastante Jéus, pelo teor íntimo das confidências trocadas. Passada a indignação inicial, o materialista Jéus se sentiu sobremaneira impressionado, no entanto, de Espírito ponderado e analista, não se deixou levar pelo primeiro impacto da emoção, mas consultando a razão, foi buscar nos livros espiritistas explicações para o sucedido.

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, foi o marco inicial da grande transformação que iria se operar dali em diante, na vida de Jéus Gonçalves. Porém, o fato que culminou com a sua total conversão aconteceria poucos dias depois, conforme relato de seus contemporâneos de Pirapitingui. Estava Jéus Gonçalves, como sempre, às voltas com sua dor no fígado, só que neste dia ela se apresentava bem mais forte que de costume. Então ele, no auge do sofrimento, resolve chamar por aquele “Deus” de que tanto falavam e ele recusava aceitar. Logo, num extremo recurso e dada a inoperância dos medicamentos que tomava, retirou um copo de água da talha, colocou-o na mesa da cozinha e disse, prática e resolutamente: - Se Deus existe mesmo, dou cinco minutos para que coloque nesta água um remédio que me alivie a dor! E marcou no relógio... Cravados os cinco minutos foi beber a água e qual não foi sua surpresa quando esta se apresentou totalmente amarga. Impressionadíssimo, chamou um companheiro para provar aquela água e a da talha, e este por sua vez provou e sentiu a diferença. Estaria ficando louco? Seria uma alucinação? Estaria enfeitiçado?... Mas a dor não lhe deu tempo para pensar e Jéus Gonçalves não se fez de rogado: ao olhar espantado do amigo; sorveu a grossos goles o líquido no intuito de aliviar a dor que não transigia. Não demorou mais que dois minutos para que o efeito se fizesse sentir e Jéus Gonçalves, sem folga para refletir sobre as emoções dos últimos instantes, corre para o banheiro, quase sem tempo para acomodar-se. Ao sair dali Jéus, já sem dores, entre agradecido e espantado, passa a reexaminar suas bases materialistas e nos dias seguintes sofregamente se dedica ao estudo das obras de Kardec, Denis, Flammarion, Bozzano e outros, completando assim a conversão que tivera início no velório de Anita. A Anita, pois, dedicou este belíssimo poema:

Partiste! Para o último recanto!  
Mentira a mim parece essa verdade.  
Passaste a residir no Campo Santo  
E eu é que fiquei na soledade...

Partiste!... no esplendor da mocidade,  
Deixando-me já trôpego e sem canto...  
Em teu lugar ficou dona saudade,  
A recordar-me quem recordo tanto!

Tão boa foste, que provar quiseste!  
Mesmo depois de morta, num transporte,  
Falaste-me da Paz Celeste!

Então pus-me a pensar, desde a partida  
- Vou precisar de ti depois da morte  
mais do que precisei durante a vida!

Acenava-se nova vida para aquele lázaro redivivo. Ressurgia das entranhas ressequidas das terras áridas do materialismo, para desabrochar em eloquente representante do Reino do Senhor aqui na Terra. As lágrimas que se lhe rolavam pelas faces deformadas e ulceradas, não representavam mais o desabafo desconsolado, mas o rompimento do jugo das insatisfações e incertezas que o ateísmo traz às criaturas. O “Vesúvio” abrandara-se dentro de Jesus. Novos rumos, nova razão de viver, cai de joelhos o ateu arrependido ante a soberania do Pai. Tombam os conceitos frágeis, desmoronam-se os ideais ilegítimos e desatrelam-se as amarras da ignorância espiritual, para dar lugar ao amor maior por o qual todos fomos criados: o amor a Deus.

A Doutrina Espírita, saciando-lhe a sede de explicações, fez-lhe beber nas fontes da lógica e do bom senso, a água límpida da verdade. A verdade que está dentro de nós, e, quer acreditemos ou não, quer queiramos ou não, dela não fugiremos jamais. É a verdade que contém a equação à qual está adstrito todo o conhecimento universal: “não existe efeito sem causa, assim como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. E se o Universo compreende um conjunto de efeitos inteligentes, logo a Causa que os produz tem que ser Inteligente. A essa Causa chama-se Deus”.

“Se a vida é uma escola”, dizia ele, “reconheço agora estar em uma de suas mais abençoadas classes: o leprosário”.

## DA CONVERSÃO AO DESENCARNE

Falta (1943)

Hosana! Eu já encontrei o grande Bem,  
Em cuja busca fui judeu-errante.  
É o facho luminoso que contém  
A luz que me ilumina a todo instante!

E ele está na vida e mais adiante,  
Dentro da morte, nas mansões do além...  
Está no amor... Está na fé... Perante  
Os dois altares que esta vida tem!

Pois, nem a vida é sonho e a morte o nada.  
O amor é luz; a Fé o santo meio  
De tornar esta luta compensada!

Por isso eu sigo... nos caminhos meus,  
A procurar em tudo quanto creio,  
A coisa que faltava e... que era Deus!

(Jésus Gonçalves – “Flores de Outono” – ed.Lake)

A “Estrada de Damasco” surgia, enfim, na trilha deste homem. A princípio, o espanto foi geral, pois era sobejamente conhecida sua posição de materialista convicto, mas com o tempo, até seus amigos mais diretos se juntaram a ele, não só pela influência que Jésus exercia, mas também porque àquela época muitos já frequentavam e se interessavam pelas reuniões espíritas lá realizadas na clandestinidade. Jésus Gonçalves tinha conhecimento, vez por outra de suas realizações, mas adotava uma atitude de passividade ante as mesmas, procurando ignorá-las, não as censurando, pois sempre foi traço de seu temperamento não interferir no livre-arbítrio dos outros. O respeito às leis e às normas do Hospital fizeram com que Jésus aguardasse a direção oficializar a permissão da prática do Espiritismo lá dentro e poder, com isso, normalizar as sessões espíritas, franqueando-as a todos os internos. Assim, deu entrada em Requerimento acompanhado do Estatuto que viria reger as atividades da futura “Sociedade Espírita Santo Agostinho”. Havia, porém muitos obstáculos. O preconceito e o descaso a Jésus Gonçalves eram grandes barreiras antes de obter a aquiescência e aprovação. Todavia, as circunstâncias adversas serviam apenas para valorizar sua vitória na tarefa abraçada e as primeiras reuniões evangélicas foram realizadas no prédio do Cassino. A incompreensão e ingratidão, embora suportadas com humildade e paciência, não conseguiram refrear o ânimo e o novo sentimento de viver que se apoderara de Jésus. Ele já se inteirara de que as grandes ascensões espirituais só são alcançadas a par de muito esforço e sacrifício. Grafara bem a passagem do Evangelho que assevera que não basta dizer: Senhor! Senhor! Para entrar no reino dos céus. Seria necessário suportar todos esses instantes, que tanto magoavam, com muita resignação; amando e servindo sempre, pois, é na escola do trabalho cristão que se forjam as grandes realizações do Espírito. A fé que tanto demorara a chegar, enraizara-se agora nele de tal forma que nada poderia impedi-lo de levar adiante seus intentos. Numa sociedade em que se vivia um clima de revolta reprimida e era adornada por prazeres e diversões, que anesthesiavam as feridas do Espírito, Jésus procurava, agora, ministrar-lhes uma noção de justiça e de submissão à dor e aos desígnios de Deus, além de alargar os limites de compreensão dos internos para as necessidades de melhoria da vida comunitária no Hospital.

E assim, com o primeiro passo dado, a semente do Cristianismo Redivivo estava laçada e aos poucos começava a florescer a prova da hanseníase. Jésus Gonçalves, o grande comandante em mais esta empreitada, o mesmo Jésus que, no crepúsculo da existência terrena se bandeara para o lado do Cristo, “despindo o manto régio e vestindo a estamena da pobreza”, recusa-se, após a conversão, a aceitar que continuem a chamá-lo de “mestre”, velho costume de muitos companheiros de Pirapitingui, nascido devido à sua reconhecida superioridade intelectual e temperamento de líder; pois descobrira ele que “mestre” havia um só; importava colocar-se em posição de subalternidade a ser tido, apenas, por apagado servo do Rabi da Galiléia. A autorização para o funcionamento de um Centro Espírita em Pirapitingui é finalmente concedida; a partir desse instante, volta Jésus toda sua atenção para a construção de um salão onde pudessem ser desenvolvidas as suas atividades.

A necessidade da construção da sede obceca-lhe a mente. Sua preocupação passava a ser a esquematização de uma campanha de arrecadação de fundos e para isso constitui uma comissão por ele próprio presidida e composta por outros elementos já espíritas: a família Paradello, Francisco, Orlando e Manuel (Pinduca); Allípio Bastos, Salviano Siqueira Martins José Tardelli, José e Alcides Biagione, Augusto Lopes Bernardino, Emílio Sotelli, Armênia Raixa Fanchin, mais adiante J.H., e outros. Mas, por onde começar, já que todos tinham renda mensal baixa, insuficiente mesmo para o próprio sustento? Na verdade, o entusiasmo era grande mas Jésus logo se conscientizou de que seria impraticável amealhar os fundos necessários internamente e por isso inicia intensa campanha no intuito de conseguir donativos entre companheiros de Doutrina de diversas cidades do mesmo Estado e do Rio de Janeiro.

Cartas e mais cartas foram escritas de próprio punho com indescritível esforço, informando à coletividade espírita do desejo da implantação do Espiritismo naquele Hospital. Ao mesmo tempo,

exortava os irmãos de Doutrina a apoiarem material e espiritualmente o empreendimento. Não tardaram as respostas, emprestando solidariedade moral e material à Campanha. Jésus conseguia, assim, revolucionar o movimento espírita da época, que exultava diante da iniciativa. Para gáudio dos internos do Hospital, numerosas Caravanas Espíritas, vindas de todos os cantos do Estado, lá aportavam aos domingos e permutava felizes momentos com eles, interrompendo a triste solidão daquelas criaturas até então desprezadas e incompreendidas por uma sociedade mal-informada a respeito da doença de Hansen.

Essas caravanas pioneiras tiveram o mérito, também de abrir novas frentes de trabalho aos praticantes da Doutrina, além de incentivar outras religiões e promoverem o mesmo tipo de visita fraterna. Entre os espíritas, dos muito que passaram a frequentar assiduamente o Sanatório, a despeito das restrições vigentes na época, poderíamos citar: de Sorocaba, José Câncio, Benedito Dias e a família Albuquerque (Romeu, Laura e Ivan); de São Paulo, Marina Tricânico, Esteva Quaglio, Orlando e Zaira Junqueira Pitt, Romeu de Campos Vergal, Pedro de Camargo (Vinícius), José Pereira Gonçalves, Apolo Oliva, B. Cordeiro, João Batista Dinoto, Herculano Pires e esposa, João Lopes; de Piracicaba, Omar da Silva Pinto, Pedro Bertolini, família Joly, Irmãs Walder, Urubatão Pitta, Walter Radamés Acorsi, Max e JULINHA Thekla Kohleisen; de Campinas Honoré Tounilez, Manoel Guilhen Garcia e José Rosa; de Itu, José de Arimatéia e seu grupo; e muitos outros. Dois desses frequentadores, o casal Orlando e Zaira Junqueira Pitt, Espíritos de escol, que responderam ao chamado do apóstolo de Pirapitingui, junto de valoroso grupo de seareiros da Capital passaram a frequentar amiúde o Asilo - Colônia de Pirapitingui, indiferentes às críticas recebidas por ato de fé e caridade cristã, tão revolucionário na época. Condoídos com a situação daqueles seres presos às prova da Hanseníase, desvelaram-se na assistência material e espiritual em Pirapitingui, terminando por realizar grande sonho de há muito acalentado pelos internos do Hospital: a construção de um Pavilhão para aqueles cuja doença atingisse a visão. Até hoje o “Pavilhão de Olhos” funciona e Pirapitingui reverencia seus benfeitores, introduzidos lá dentro graças à amizade com Jésus Gonçalves. Interessante registrar, no entanto, a peculiaridade do grupo de caravaneiros de Piracicaba, cujas Caravanas eram organizadas pela Sociedade Piracicabana, presidida na época por Ismael Izidoro Corazza (de crença protestante), uma Sociedade Ecumênica que unia esforços gerais no campo da Assistência Social. Em suas visitas a Pirapitingui, essa caravana chegava a levar 10 a 12 caminhões lotados de mantimentos, roupas e até mesmo bois, galinha, porcos e outros animais vivos, destinados à procriação e que se constituíam em precioso donativo. Em lá chegando, os caravaneiros dividiam-se, indo cada um para os respectivos templos de sua crença. Após as atividades religiosas, reuniam-se no prédio do Cassino para Confraternização Geral e apresentação de shows por visitantes e visitados. Vale ressaltar que essas visitas tiveram início graças à atuação de Jésus Gonçalves. A ele credita-se o mérito da abertura dos portões de Sanatórios de Hansenianos a visitas fraternas por parte de pessoas que conseguem penetrar no drama milenar pelo qual passam esses nossos irmãos em Humanidade e que desejam dar um pouco de si em prol do seu próximo, como recomendou o Mestre dos Mestres.

Oito meses foi o tempo gasto na construção do Centro que época custou aos cofres da “Sociedade Espírita Santo Agostinho” a substancial quantia de trinta mil, seiscentos e vinte e seis cruzeiros e dez centavos, sendo inaugurado em 16 de dezembro de 1945, com a presença de inúmeros elementos de projeção da família espírita e de todos aqueles que souberam reconhecer em Jésus em Espírito empreendedor, idealista e, sobretudo, de sentimentos nobilitantes e puros. A primeira Diretoria da Sociedade foi assim constituída: Presidente, Jésus Gonçalves; Vice, Salviانو Siqueira Martins; Tesoureiros, irmãos Paradello; Secretário, Augusto Lopes Bernardino.

Neste período, Jésus une-se a nova companheira, Isabel Laureano, a quem poucos meses antes a doença havia imposto a cegueira. Ela era médium vidente. Essa feliz união perdurou até o desencarne de Jésus Gonçalves. Sofrer conseqüências do passado através de provações como a hanseníase é muito difícil para aqueles a quem a compreensão ainda não atingiu luminosidades espirituais libertadoras. Ninita, como era carinhosamente chamada por todos, já havia adquirido essa fé de libertação quando conheceu Jésus, mas foi com a comunhão de ideias que os dois se uniram. Companheira de todas as horas, era para Jésus o apoio de que este necessitava para empreender sua missão junto aos irmãos hansenianos. Apesar de cega, foi ela que criou e dirigiu a co-

zinha que servia sopa diária aos mais necessitados do hospital. Mediante tamanha dedicação e carinho, Jésus lhe dedicou em vida os seguintes versos:

Você nasceu de um laço de amizade.  
Cresceu nos braços da simpatia  
e veio a ser o amor-sinceridade  
que veio a ser meu pão de cada dia.

Depois... sofria ao vê-la e se a não via,  
porque só o querer vê-la era impiedade.  
Não vê-la era sofrer de agonia  
que leva o lindo nome de saudade.

Enfim nos encontramos no caminho.  
Guiados pelo amor que é força e vida,  
Achamos, afinal, nosso cantinho...  
E como a quero, assim você me quer!  
Chego a pensar ser irmão, querida...  
E você ser irmã, sendo mulher!

Criatura de valor, com seus esclarecimentos espirituais, reconhecia ser um Espírito calceta a um passado nebuloso, prenhe de experiências malogradas. Por isso, não desdenhava agradecer a Deus a oportunidade de estagiar naquele lazareto e, ante as cruezas do cotidiano, lembrava-se de que, conduzindo o fardo bendito da lepra, alforriava-se dos naufrágios de outras vidas. Conta a médium que, certa vez, ela e Jésus haviam saído para fazer uma palestra em São Paulo e na volta foram surpreendidos por uma chuva torrencial. Ao passarem por uma plantação de eucaliptos, Jésus Gonçalves avistou um homem com o peito nu, as calças esfarrapadas e tiritando de frio. Ele, então, tirou sua camisa e paletó, ficando só de camiseta, e foi cobrir o homem semi-despido. Este suplicou-lhe que o levasse para casa, ao que Jésus respondeu: “Meu irmão, não tenho lar. O universo é meu lar. Todos são meus irmãos, todos são meus pais. Não posso levá-lo comigo, porque meu lar é um leprosário.”

Quando Jésus Gonçalves chegou a Pirapitingui semi-despido, o médico de plantão, Dr. Marcelo Guimarães Netto, disse-lhe: “Você está louco? Está querendo suicidar-se?”

Jésus explicou, então, o ocorrido, ao que o médico redarguiu: - “Este homem não é deste mundo! Jésus Gonçalves é a alma mais piedosa que já conheci.”

Certa ocasião acertou-se a realização de um trabalho de materialização no “Santo Agostinho” que, embora tenha se desenvolvido a contento, provocou o seguinte comentário de Jésus, dirigido apenas aos mais chegados: Aos que ainda não estão na fé espírita, estas sessões só servem para lhes aumentar as dúvidas, já que as condições de total escuridão e outras, apenas lhes acrescentam mais restrições à incredulidade.

A sessão, promovida pelo grupo do casal Pitt, de São Paulo, teve a presença de poucos assistentes, pois foram distribuídos apenas 40 convites. O método utilizado foi o que normalmente se usa nesse tipo de trabalho. O médium ficou trancado à chave numa cela no lado esquerdo do palco, sob uma luz tênue que acendia e apagava alternadamente. Dois Espíritos manifestaram-se. O de menino e o de um hindu. O hindu cumprimentava as pessoas dando a mão para algumas, como por exemplo Jaime, filho de Jésus que, apesar de incrédulo, teve a impressão de realmente se tratar de um Espírito materializado. O que mais o impressionou, na ocasião, foi a pedra que materializaram e ofertaram a ele como presente! O Espírito dirigiu, ainda, algumas palavras íntimas para D. Laurinha Albuquerque, também presente à sessão. Outras ocorrências dignas de citação transcorridas nos trabalhos foram o chocalho que um dos Espíritos portava e disco que estava na vitrola, que foi enrolado e depois desenrolado por eles – e ainda tocado novamente na vitrola! Jésus aceitava este tipo de sessão, porém não acreditava que ela pudesse convencer as pessoas sobre a realidade espiritual.

Um dos problemas enfrentados junto aos internos do Hospital por J3sus era a realiza73o de sess3es familiares evocando os Esp3ritos para orienta73o pessoais, J3sus, fervoroso defensor da pureza doutrin3ria, v3rias vezes, viu-se 3s voltas com elementos obsidiados ou iludidos por Esp3ritos zombeteiros. Esses dissabores, ele os tinha ami3de, mas tornou-se not3ria sua inimizade com Lup3rcio Gobbi, enfermeiro do Hospital, que insistia nessas pr3ticas n3o recomendadas.

Havia em Pirapitingui 3quela 3poca, um padre cat3lico, de nacionalidade alem3, chamado Othon, que fazia ferrenha oposi73o 3s atividades desenvolvidas pelo Centro Esp3rita e por J3sus Gon7alves.

Este sacerdote, ortodoxo mesmo nos par3metros de sua pr3pria f3, polemizava constantemente com os esp3ritas, mas encontrava a indiferen7a de J3sus, mais preocupado com os afazeres da Doutrina do que com a oposi73o e as diatribes do padre. J3 outro sacerdote cat3lico, Pl3nio Gon7alves de Freitas, gostava bastante de J3sus, tendo por ele amizade sincera que pendurou mesmo ap3s a convers3o.

O ministro protestante Johnson tamb3m n3o investia diretamente contra o presidente da Sociedade Esp3rita Santo Agostinho, porque a seriedade e responsabilidade com que J3sus conduzia as obras da Doutrina n3o davam margem a que lhe assacassem cal3nias.

Amava o trabalho e era irrepreens3vel em sua f3. Acima de tudo, era um interno respeitado e sua credulidade perante os outros internos do Hospital viu-se fortalecida quando ins3lita ocorr3ncia foi protagonizada por ele. A cadeia do Hospital estava abrigando um “louco”, que por sua “alta periculosidade” n3o podia ficar no Pavilh3o devido, isto 3, o Psiqui3trico. J3sus Gon7alves, condo3do com o sofrimento do companheiro e sendo comunicado pelas entidades espirituais tratar-se de um caso de obsess3o, dirigiu-se para l3 e incitou o carcereiro a soltar o “doente”. Ante a recusa deste, foi at3 a diretoria do Hospital, que depois de muita relut3ncia, permitiu a soltura do “louco”, mediante a assinatura de um termo de compromisso. 3 hora marcada por J3sus (18 horas) o “louco” foi solto e dirigiu-se diretamente ao Centro Esp3rita para espanto do carcereiro e demais internos que haviam tomado ci3ncia do fato. No Centro, recebeu a terap3utica do passe e participou de sess3o de desobsess3o que o libertou dos inimigos invis3veis. Grato ficou-lhe o Setor Psiqui3trico e os respons3veis pelo Pres3dio, mas acarretou um problema para a diretoria do Hospital, que teve que arrumar novas acomoda73es para o “louco” que voltava 3 vida normal...

\* \* \* \*

Oradores de diversas localidades aportavam ali aos domingos e, entre eles, alguns naturalmente cometiam falhas doutrin3rias. J3sus, por3m, nunca entrava em ila73es doutrin3rias, nem os interrompia, mas sutilmente, ao fim das exposi73es, fazia coloca73es de tal maneira que contornava os erros e n3o magoava o visitante.

\* \* \* \*

Todavia, com a evolu73o da doen7a, J3sus teve que rerear suas idas ao Centro, at3 que se constru3sse uma casinha em seus fundos, para que ele l3 morasse. Ao contr3rio do que afirmam alguns J3sus nunca foi carregado para o Centro, pois alegava “n3o querer transformar-se em espet3culo p3blico”; ia, sim, apoiado no ombro de seu mais constante companheiro no fim da vida, JH. Deste modo, as reuni3es da diretoria passaram a ser presididas pelo vice-presidente, Salviano Siqueira Martins, que tomava as decis3es rotineiras e quando a ocasi3o o exigia, essas reuni3es de diretoria eram realizadas no quarto de Jesus, para que ele pudesse ouvir e opinar. Com este esquema, proposto pelo pr3prio J3sus, as atividades assistenciais e doutrin3rias do Centro n3o sofreram solu73o de continuidade, nem mesmo depois do desencarne deste at3, aproximadamente, 1953.

\* \* \* \*

A precariedade de seu estado f3sico aumentava a olhos vistos, o que fez com que seu companheiro J.H. passasse a morar com ele, servindo-lhe, dedicadamente, nos 3ltimos meses de vida.

Apesar da deser73o de alguns amigos quando se converteu ao Espiritismo, J3sus teve grande demonstra73o de solidariedade da parte do Dr. An3bal Garcia Adjunto, severo Diretor daquele

Hospital-Colônia, que apesar da cegueira a que se via relegado, compensava esta com seus indiscutíveis dotes profissionais, aliados à grande capacidade de diagnóstico. Assim, Jéus Gonçalves beneficiava-se com a profunda amizade proporcionada pelo Dr. Aníbal que acompanhava, pessoalmente, seu caso. Seu grande amigo no fim da existência terrestre, J.H., assim o define: Pude conviver bastante amiúde com Jéus, já que era praticamente sozinho na Colônia, e afeiçoar-me a ele como a um pai. Sua personalidade marcante, ainda hoje, é-me viva na memória, e o que posso dizer é que era seguro em tudo o que fazia. Quando lhe faziam alguma pergunta, era comedido ao responder, analisando bem a resposta. Ponderava, sempre, profundamente, e era desprovido do sentido de crítica e suas respostas tinham sempre o intuito de ajuda. Em tudo o que dizia e fazia estavam implícitos os conceitos evangélicos, os quais norteavam sua maneira de ser e tratar as pessoas. Era alegre mas, no trato das coisas da Doutrina, agia com muita seriedade.

Um outro fato apresentou-se-nos verdadeiramente marcante. Lamentamos não ter vindo, este, ao conhecimento público há mais tempo, mas temos, conosco, a plena certeza de que, a partir de agora, marcará profundamente os corações dos espíritas que dele tomarem conhecimento.

Vinte dias, aproximadamente, antes de seu desencarne, Jéus Gonçalves, vestido de chagas esfoqueantes e mutilações dolorosas, levanta-se e vai tomar parte, no domingo, daquela que seria sua penúltima sessão espírita na “Sociedade”. Sua voz já não saía mais, nem para breves palavras, pois a doença tinha-lhe destruído totalmente as cordas vocais. No entanto, a vontade férrea e o amor à sua gente fez com que, com incrível esforço, levantasse do leito e com apoio de J.H. fosse marcar presença no Culto Público de domingo.

E então, as trezentas pessoas ali presentes, naquele dia, tiveram a oportunidade de presenciar um dos mais impressionantes fenômenos proporcionados pela Espiritualidade. Os mentores da Casa agindo sobre as cordas vocais de Jéus, devolvem-lhe para espanto geral e até de si próprio, a voz. A princípio, vem um pouco rouca nas primeiras palavras, mas depois, pura e cristalina, permitiria que Jéus Gonçalves naquele dia, proporcionasse à plateia ensinamentos evangélicos da mais bela e eloquente explanação já realizada pelo apóstolo de Pirapitingui. Durante quase duas horas, passada a surpresa inicial, a atenção daquela gente se prendeu ao verbo daquele legítimo Apóstolo da Verdade. Mas a emoção não acabaria aí; ao findar sua pregação, Jéus perde novamente a voz. No domingo seguinte, Pirapitingui, já despertada quanto ao acontecimento que a movimentou durante a semana, ocorreu em peso ao Centro, para atestar se novamente o fenômeno voltaria a ocorrer. Jéus Gonçalves, que permanecera a semana inteira sem voz, não se abala ante a perspectiva de a ter pedido definitivamente. Faz entender ao fiel amigo J.H. sua total confiança de que novamente pudesse a falar. Porém, o fenômeno volta a acontecer para espanto de todos e Jéus fala outra vez. Sua voz vem clara, normal e transmite a última mensagem evangélica, aproximadamente quatro ou cinco dias antes do seu desencarne.

\* \* \* \*

Sua vida estava, pois, próxima do fim. Jéus dirige-se a J.H., pedindo-lhe para que se sentasse à sua cabeceira e apontando para a parede em frente, pergunta-lhe:

- Não estás vendo o vulto na parede, envolto em um círculo branco, a me sorrir?... e, ante a negativa de J.H., que sabia estar Jéus vendo com os olhos do Espírito, o que não lhe acontecia, deixou-o continuar: Veja, eu o conheço. È o Dr. João Abílio Gomes, que foi meu médico em Aymorés... Veja como ele me olha fixamente e sorri!

\* \* \* \*

Com a evolução da doença, que já havia transformado seu corpo em verdadeiro farrapo humano, carcomendo sua narina e deformando sua face, acelerou-se também o processo de “ascite” e de uremia que havia deflagrado desde algum tempo. Seus rins já não conseguiam eliminar o líquido do corpo, fazendo com que se acumulasse no estômago. Consultado a respeito, Dr. Aníbal receitou-lhe o que seria apenas um paliativo e não uma solução: retirar a água pelo próprio ventre. O enfermeiro que iria utilizar este método preveniu o doente: Jéus, vai doer bastante, mas somente a picada, o que obteve a concordância com um simples sinal de cabeça e a retensão dos músculos.



Após a agulhada, estampou-se-lhe no rosto, já todo desfigurado, o incrível sofrimento causado pela dor. Ante o olhar de compaixão de J.H., que parecia sentir na própria carne o sofrimento que se abatia sobre o companheiro, assim se expressou: Veja, J.H., como sofre um cristão! Esta frase, longe de significar um grito de desespero, representava o brado de libertação do Espírito de um cirineu que transbordava de alegria no fim de sua existência árdua e espinhosa. Alguns dias se passaram. E Jésus compreendeu a quase inutilidade daquele processo de eliminação do líquido. Sentiu que de pouco adiantaria retirar-se o acúmulo se os rins não trabalhavam mais. Então, com a aquiescência do Dr. Aníbal que vislumbra a “partida” de Jésus para daí a pouco, não se repetiram mais as agulhadas. E assim, aos poucos, apagava-se a estrela do apóstolo de Pirapitingui. A simples enumeração dos fatos sintetizados nesta biografia justificam a admiração de quantos o conheceram.

Dois homens viveram em um corpo só, segundo sua própria definição. No entanto, nós nos permitiríamos um reparo nesta análise, dizendo que houve sim, duas fases de um mesmo homem, mas não dois homens, pois ao examinarmos o passado brilhante de Jésus, a retidão de caráter que o caracterizava e outras qualidades nobres, este já denotava ser um Espírito cristianizado e que apenas o “véu do esquecimento” o fizera passar pela escuridão espiritual que predominou quase toda sua vida. Ao tomar o corpo de Jésus Gonçalves, seu Espírito já aceitara conscientemente a prova da hanseníase, por sabê-la a única capaz de compensar-lhe os erros do pretérito e de redimi-lo perante a Lei de Deus. Aprendera ele a distinção entre o justo e o injusto, o lícito e o ilícito e, nos quadrantes do arbítrio que lhe foi permitido manipular a propósito de seu destino, corajosamente retornou à vida carnal com o voraz bacilo de Hansen, pronto para deflagrar na época apazada. Ao converter-se, portanto, nada mais fizera do que viver o papel necessário ao seu aperfeiçoamento, porquanto, após sofrer lentamente as mutilações do corpo físico e a virulência de seu mal sem a sustentação da formação cristã de seu Espírito, entregara-se no fim da vida, humildemente, à causa do Cristo, terminando por este último ato, a desfazer-se dos derradeiros traços de orgulho e vaidade que tanto se realçavam no guerreiro Alarico.

Senhor, porque demoraste tanto a chegar? Indagava mentalmente aquele homem, no intermédio das intensas atividades de benemerência que desenvolvia junto a seus irmãos pirapitinguanos desta encarnação; antigas fileiras de conquistadores destemidos, cuja verdadeira coragem somente agora estava sendo colocada à prova. Sim, porque a verdadeira superioridade não é física, numérica, mas aquela capaz de suportar com o coração aberto à indulgência e ao perdão toda ofensa e agressão. Deus nos examina pelas cicatrizes e não pelos títulos ou diplomas; as primeiras, nós as conquistamos, mas os segundos Ele nos empresta para que aprendamos a tornar-nos humanos de valor. E um humano de valor dá mais vida que dela recebe, Alarico, o leproso, não soube por duas vezes aproveitar a oportunidade que o Criador lhe emprestara e para cá teve de retornar como Jésus Gonçalves, o rei, conforme seu Espírito trocadihou em comunicação mediúnica. Aquele Jésus angustiado, vazio, muito embora o prestígio que alcançara e que reprimia dentro de si o grito de libertação de um Espírito profundamente cristianizado, já não suportava mais os limites terrenos de sua formação analítico-materialista. Desprendendo-se das bases do materialismo, hauriu forças para levar adiante o ideal espírita cristão.

A dois ou três dias de seu desencarne, Jésus viu-se repentinamente invadido por uma alegria inenarrável e apesar das grandes dores que previa iriam abater-se sobre si ao locomover-se, pediu a J.H. que o levasse para o terraço. Desejava contemplar a beleza da vida e admirar suas amigas queridas, - as rosas - no jardim de sua casa. Espirando o olhar cansado sobre o jardim, sussurra à natureza:

Oh! Par de rosas formosas  
Que eu vejo perto de mim;  
Quem vos fez assim cheirosas,  
Fez muitas flores assim.

A natureza enfeitando,  
Sois úteis trabalhadoras,  
Pois conservais meditando

As almas mais sonhadoras.

A vossa vida ligeira  
De ostentação resumida,  
É uma lição verdadeira,  
Do que há no mundo e na vida.

Na sua forma exterior,  
Tudo no mundo é fugaz,  
Tudo tem vida de flor  
Que o tempo vem e desfaz.

Da vossa curta experiência,  
Do curto brilho em que estais,  
Floresce a mais pura essência,  
Que não se extingue jamais.

É Vosso aroma e perfume,  
Qual delicado troféu,  
Que vossas vidas resumem  
Em outras flores do céu.

Assim as coisas do mundo,  
Não são o luxo, a vaidade;  
Sim o que vive profundo,  
Na vida da eternidade.

Também na grande passagem,  
Da vida humana agitada,  
Não há apenas miragem  
Temendo a sombra e o nada.

Dentro do humano palpita,  
Um outro humano mais puro.  
Ser que bate e se agita,  
Para escapar do monturo.

Oh! Rosas, rosas de amores,  
Senhoras dos versos meus,  
No fundo tudo são flores,  
A caminhar para Deus.

Depois deste último arroubo de inspiração em vida, num quase delírio poético, voltou para o leito, de onde seu veículo físico já alquebrado pelas lutas intensas que enfrentara, não mais se levantaria. Foram, assim, seus derradeiros instantes, marcados pela presença inseparável de Ninita, sua companheira, seus amigos do coração e principalmente de J.H., o amigo todo fiel, em cujos braços Jésus desencarnaria. Compreendia o apóstolo de Pirapitingui que a Sublime Passagem estava próxima. Era necessário naqueles últimos instantes dar o testemunho de sua fé, em que seu rosto contrastava com os daqueles que o rodeavam, pois sabia ele que “palavra sem exemplo é tiro sem pólvora” e que, embora mais preparado para estes momentos, o próprio espírito vê-se um tanto eclipsado ante a dor da separação física; não dúvida após a morte, mas pela lei natural dos laços terrenos e pelo desejo de permanecer sempre fisicamente com os entes queridos. Jésus entendia isso mais do que ninguém, seu Espírito que soubera abençoar as dores e suplícios qual dádiva do Criador, procura não dar mostras de seu sofrimento. Embora ainda a vida se fizesse pre-

sente, o invólucro, já imóvel, aguardava o momento do desprendimento do Espírito para a entrada na Verdadeira Vida. Mentalmente, o Apóstolo de Pirapitingui bendizia ao Pai o corpo ermo e cansado, marcado pelas “feridas com que lavara os erros de outras vidas”. Sua fisionomia, como sempre o fora, permanecia serena, repassando a vida de martírios iniciada na infância difícil de Borebi e que se extinguiu, agora, naquele “leito de dores redentoras”, rodeado dos amigos queridos dos dois lados da vida.

É imensa a tranquilidade que o envolve. Como num antagonismo de beleza e melancolia, nem os amigos à sua volta impediam-no de tamborilar com os dedos, na barriga, suas músicas preferidas, como era seu costume. Como explicar tamanha serenidade? Era a coerência com a Doutrina que abraçara, ou seja, a certeza de que a vida não se finda com a morte do corpo; que a morte não é o fim, mas o princípio. Não temia a passagem, pois sabia-se consciente da tarefa cumprida. Não conseguia sequer abrigar angústias ou mágoas das muitas injustiças que sofrera em vida.

Lentamente, o apóstolo sentia-se entrar no gozo de suas reais faculdades, já que o corpo físico, extremamente debilitado, não mais conseguia reter seu Espírito. Percebia-se cada vez menos denso e o fulgor dos benefícios que plantara vinha-lhe agora, em forma de inexprimíveis sensações de paz e reconhecimento. Os esplendores das visões celestiais lhe extasiavam o Espírito e uma dúcida aragem de bem-estar penetrava-lhe Espírito adentro. Nesse momento, tão difícil de definir-se, o coração vai-se aquietando, o “manto das feridas” já não o tortura com a mesma intensidade, pois a bondade dos Amigos Espirituais transmitia às feridas entreabertas fluídos e alívio merecido.

A recepção para o renascimento estava pronta. Adormecia ele agora, o Apóstolo de Pirapitingui, para acordar mais tarde no Plano Maior da Vida. Findara a dor terrena. Jésus, aos poucos, tem a noção de tudo quanto praticara em sua vida corporal. Inebriava-lhe a calorosa recepção que os amigos do Plano Espiritual lhe dedicavam. Suas vistas reconheciam a presença de companheiros de outras lidas. Sorrindo, o estreitavam nos braços, como se regozijassem pelo fim de uma grande batalha campal que tivessem vencido, mas aquela não havia, na realidade, sido uma batalha de conquistas de Alarico, o leproso... havia sido, sim, uma batalha de conquistas de territórios espirituais de Jésus, o rei ... e por isso, o corpo desfigurado, sanguinolento e coberto de feridas semiabertas, representava o troféu com o qual, em preces, agradecia ao Criador seu empréstimo...

Ah! Se seus irmãos hansenianos pudessem sentir um pouco do que estava sentindo! Mas as palavras já não lhe saíam mais de Jésus Gonçalves, missionário da Espiritualidade, Apóstolo de Pirapitingui, retorna, agradecido, jubiloso, à Pátria Espiritual! Hosanas! Hosanas! É o homem despojado do peso corpóreo, caminhando novamente nas estradas de luz da Eternidade...

Irmãos, chequei contente ao Novo Dia  
E ainda em pleno assombro de estrangeiro,  
Jubiloso, saltei de meu veleiro  
No porto da Verdade e da Harmonia.

#### O POETA DESENCARNADO

“Oh! Rosas, rosas de amores,  
senhoras dos versos meus,  
no fundo tudo são flores,  
a caminhar para Deus.”

Dentre os muitos espíritas com que mantinha correspondência, Chico Xavier era um deles. Não tiveram oportunidade de relacionarem-se pessoalmente, apesar do desejo de ambos porém, reiteradas vezes Jésus afirmava em suas cartas que ao desencarnar iria visitar o Chico. Isso realmente se deu, e é o próprio Chico Xavier, que na obra “no Mundo de Chico Xavier” de Elias Barbosa, Ed. IDE, descreve o encontro:

- Não cheguei a conhecer J3sus pessoalmente, mas mantivemos uma correspond3ncia regular por dois anos consecutivos. Achava-se ele em tratamento em Pirapitingui, quando passou a comunicar-se comigo, atrav3s da bondade de nossas irm3s D. Zaira Junqueira Pitt e Julinha Kohleisen, ambas residentes em S3o Paulo. Ele me escreveu um bilhete amigo e respondi. Desde ent3o, habituei-me a receber o conforto que as palavras dele me traziam. Edificavam-me ao receber-lhe as observa3es otimistas. Conquanto v3tima de mol3stia pertinaz, era um exemplo de coragem, de resigna3o, de tranquilidade e f3 viva. Dava-me tantas li3es de paci3ncia e compreens3o que, muitas vezes, os recados e as missivas dele para mim representavam mensagens de Vida Superior. Em muitos dos pequenos avisos que me enviava dizia que, ao partir da Terra, pretendia ir ver-me em Esp3rito. Em algumas ocasi3es, enviou-me retratos dele atendendo aos meus pedidos, e, porque a mol3stia lhe impusesse algumas altera3es fision3micas, costuma escrever-me com bom humor: “Irm3o Chico, se voc4 notar alguma diferen3a de uma fotografia para outra, isto 3 da m3quina, porque continuo sempre o mesmo.” De minha parte, respondia, procurando encoraj3-lo, se bem que reconhecesse que ele era um armaz3m de bom 3nimo para mim. Acontece, por3m, que, em se desencarnando, se n3o me engano, em fevereiro de 1947, nosso caro poeta veio, efetivamente, ao nosso encontro como prometera.(...) Isso se verificou da maneira mais comovente para mim. Antes de narrar o sucedido, devo dizer, para melhor entendimento do que vou contar, que ele, na 3ltima carta que me enviou, dias antes da desencarna3o, mandou-me um retrato – o derradeiro retrato que tive do inesquec3vel amigo – no qual aparecia com algumas altera3es na face e numa das pernas. Compreendi que a mol3stia f3sica progredia sempre, e guardei a foto entre as minhas recorda3es mais queridas. Depois da carta com essa lembran3a, algumas semanas passaram sem que eu recebesse novas not3cias dele. Acontece que numa noite do m3s de mar3o de 1947, n3o me recordo, exatamente, da data precisa, chegaram a Pedro Leopoldo os nossos amigos Sr. Francisco de Paula Cardoso, que residia em Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de S3o Paulo, e Dr. Raul Soares, atualmente diretor residente no Lar An3lia Franco, da cidade de S3o Manoel, no mesmo Estado. Era uma ter3a-feira, em cuja noite n3o t3nhamos tarefa no Centro Esp3rita Luiz Gonzaga. Por isso, os dois citados e eu deliberamos ir 3 sede do grupo, que ainda se situava no lar de minha cunhada Geni, vi3va de meu irm3o Jos3 C3ndido Xavier, a fim de orarmos juntos. Sentei-me entre os dois. Dr. Raul Soares fez a prece e, da3 a minutos, Emmanuel se comunicava conosco. Terminada a mensagem do nosso querido orientador, quando me achava em profunda concentra3o mental, vi a porta de entrada iluminar-se de suave clar3o. Um homem-Esp3rito apareceu aos meus olhos, mas em condi3es admir3veis. Al3m da aura de brilho p3lido que o circundava, trazia luz n3o ofuscante, mas clara e bela, a envolver-lhe certa parte do rosto e da cabe3a, ao mesmo tempo que uma das pernas surgia vestida igualmente de luz. Profunda simpatia me ligou o cora3o 3 entidade que nos buscava, assim de improviso, e indaguei, mentalmente, se eu podia saber de quem se tratava. O visitante aproximou-se mais de mim, e disse – Chico, eu sou J3sus Gon3alves! Cumpro a minha promessa... Vim ver voc4! As l3grimas subiram-me do cora3o aos olhos. Percebi que o inolvid3vel amigo mostrava mais intensa luz nas regi3es em que a mol3stia mais o supliciarra no corpo f3sico, e quis dizer-lhe algo de minha admira3o e de minha alegria. Entretanto, n3o pude articular palavra alguma nem mesmo em pensamento.

Ele, por3m, continuou:

- Se poss3vel, Chico, quero escrever por voc4... dar minhas not3cias aos irm3os que deixei 3 dist3ncia e agradecer a Deus as d3divas que tenho recebido...

A custo, perguntei a ele, ainda mentalmente, o que pretendia escrever, querendo, de minha parte, falar alguma coisa, porque eu ignorava que ele houvesse desencarnado e n3o conseguia esconder o meu jubiloso espanto.

Ele abra3ou-me. Em seguida, colocando-se no meio da pequena sala, recitou um poema que eu ouvia, mas n3o guardava na mem3ria... Ao terminar, pareceu-me mais belo, mais brilhante...

Notando que o Sr. Francisco de Paula Cardoso e Dr. Raul Soares come3avam a preocupar-se com o pranto que eu n3o conseguia conter, rompi a expectativa, perguntando ao Dr. Raul se ele tivera conhecimento da desencarna3o do amigo que ali se nos apresentava. Ele e o Sr. Cardoso responderam negativamente. E como eu dissesse que ele, J3sus Gon3alves, queria escrever, Dr. Raul Soares ponderou que seria justo eu tomar o l3pis e obedecer, prometendo que ele seguiria

com o Sr. Cardoso, de Pedro Leopoldo para Pirapitingui, a fim de averiguar o que havia de autêntico no assunto, mesmo porque o grande poeta estava muito espiritualizado pelas provações de que se via acometido e talvez se achasse ali conosco fora do corpo físico, num fenômeno natural de desdobramento. Segui o parecer muito justo do Dr. Raul Soares e tomei o lápis... Jésus Gonçalves debruçou-se sobre o meu braço e escreveu em lágrimas os verso que ele recitara para mim, momentos antes, em voz alta, os dois primeiros sonetos que recebi dele e que constam do seu livro póstumo, intitulado “Flores de Outono”, versos esses que peço licença para ler, de modo que fiquem, como inolvidável recordação do nosso amado amigo, hoje na Vida Espiritual.

PALAVRAS DO COMPANHEIRO  
(AOS MEUS IRMÃO DE PIRAPITINGUI)

I

Irmãos, cheguei contente ao Novo Dia  
E ainda em pleno assombro de estrangeiro  
Jubiloso, saltei de meu veleiro  
No porto da Verdade e da Harmonia.

Bendizei, com Jesus, a dor sombria  
Na romagem de pranto e cativoiro,  
Nele achareis o Doce Companheiro  
Para as rudes tormentas da agonia...

Não desdenheis a chaga que depura,  
Nossas horas de amarga desventura  
São dádivas da Lei que nos governa!...

As escuras feridas torturantes  
São adornos nas vestes deslumbrantes  
Que envergamos ao sol da Vida Eterna!

II

Ave, maravilhosa madrugada  
Que desdobra a luz no céu aberto  
Além da trevas, longe do deserto  
Onde a esperança geme incontentada!

Salve, resplandecente e excelsa estrada  
Sobre o mundo brumoso, estranho e incerto  
Que acolhe, em paz, o Espírito liberto  
Na vastidão da abóbada estrelada!

Oh! Meu Jesus, que fiz na noite densa,  
Por merecer tamanha recompensa  
Se confundido e fraco me demoro?!

Recebe, ante a visão do Espaço Eleito,  
A alegria que vaza de meu peito  
Nas venturosas lágrimas que choro...

Quando a pequena reunião terminou, a emoção não me permitiu a leitura. Dr. Raul Soares, vivamente sensibilizado, leu os versos e, no dia seguinte, seguiu com o Sr. Francisco de Paula

Cardoso, levando a mensagem para a cidade de Pirapitingui, de onde me escreveu, imediatamente, comunicando que J3sus havia desencarnado alguns dias antes de nossas preces.

\* \* \* \*

Relata-nos Cl3vis Tavares em sua obra “Trinta Anos com Chico Xavier”, Ed. Calv3rio que, em julho de 1948 estavam em Pedro Leopoldo ele, Jaques Aboab e Chico Xavier reunidos em preces, quando se apresenta J3sus Gon3alves para dar uma comunica33o. Prontamente, Chico coloca-se 3 disposi33o e o ap3stolo de Pirapitingui, o “Poeta das Chagas Redentoras” dita mediunicamente dois belos sonetos, comparando encarna33es suas e correlacionando-as 3 Lei de A33o e Rea33o. Aqui os transcrevemos:

## ANTES JESUS

### I

Inda vejo, Senhor, de alma oprimida,  
A Tr3cia devastada, a 3nsia de Atenas,  
Constantinopla em l3grimas e penas  
E Roma flagelada e envilecida...

Vejo a conquistadora e horrenda lida,  
O gozo, o saque e a morte, em velhas cenas,  
E o fausto senhoril que trouxe apenas  
Desilus3o e horror 3 nossa vida.

E ou3o-te a voz, Jesus, dizendo – Basta!  
De um rei fizeste um verme que se arrasta  
E abriste-me o caminho da afli33o!...

Anos correram como sombras vagas,  
Mas depois de vestir-me em lepra e chagas,  
Achei-te, Excelso, no meu cora33o!

### II

Hoje, Senhor, n3o pe3o o v3o tributo  
Das multid3es fam3licas, vencidas,  
Que humilhei, no transcurso de outras vidas,  
Semeando mis3ria, pranto e luto...

Das rosas que me deste por feridas  
Recolhi muita gra3a e muito fruto.  
Passageiras vit3rias n3o disputo,  
Nem procuro vangl3rias esquecidas.

Perdoa-me, Senhor, se agora venho,  
Recordando-Te as 3lceras no Lenho,  
Rogar-Te algo das ben33es que entesouras!

E que eu possa, feliz com o dom divino,  
Socorrer os irm3os do meu destino  
No turbilh3o das chagas redentoras!

Após a comunicação psicográfica, permaneceu ainda o Espírito de Jésus Gonçalves no ambiente, percorrendo, pela psicofonia, mais detalhadamente sobre essas encarnações, as quais relatamos no início deste livro. Antes de se retirar, Jésus Gonçalves, alegremente, fez um paralelo entre as encarnações que teve: Alarico, o leproso - Jésus, o rei.

De fato, uma demonstração de que a pior doença é a do Espírito! Ainda nessa abençoada noite, Jésus remete um bilhete para Clóvis Tavares e Jacques Aboab. Está assim escrito:

-Meus amigos Clóvis e Jacques. Paz de Deus a nós todos. Ajudem-me a consolar os irmãos hansenianos com a prece, com a lembrança fraterna e com o reconforto da palavra escrita. São companheiros de batalha humana, que ainda sangram... Jesus os recompense. Abraços do irmão, Jésus.

Em Campos, no Estado do Rio, Clóvis e Jacques fundaram a “Caixa Pró-Hansenianos Jésus Gonçalves” que funciona até os dias de hoje.

\* \* \* \*

No entanto, o querido médium Chico Xavier continuou e continua sendo o veículo pelo qual Jésus nos tem brindado com suas melhores produções poéticas. Assim, em 22 de julho de 1949, novamente na presença de Clóvis Tavares e pequeno grupo, o apóstolo de Pirapitingui retorna para nos trazer mais este belo soneto:

#### “Cântico de Graças”

Graças à Dor, a estrada escura e incerta  
Que eu trilhava na trilha transitória,  
Transformou-se em beleza, sonho e glória  
No milagre de luz da chaga aberta.

Venturosa a oração triste e deserta,  
Que alimentei na sombra merencória,  
Guardando em mim a lodacenta escória  
Que a lepra salvadora nos oferta...

O sofrimento que lacera e oprime,  
Em toda a Terra é lâmpada sublime  
Que de bênçãos e júbilos se veste.

Glória à Divina Dor que nos garante  
A pureza da túnica brilhante  
No banquete de amor do Lar Celeste.

O volume “Instruções Psicofônicas”, Ed. FEB, psicografado por Chico Xavier, insere em suas páginas algumas referências sobre o estado desesperador em que se encontram muitos hansenianos já desencarnados, que fraquejaram sob o peso “da doença benfazeja”. Em virtude desse esclarecimento do Alto, o Grupo Meimei reuniu-se de 7 de abril de 1955 para entrar em contato com os irmãos sofredores na Espiritualidade. Diversos médiuns serviram de veículo para que os hansenianos pudessem beber, no cálice dos ensinamentos evangélicos, o alívio de que necessitavam. Jésus Gonçalves, que se fazia acompanhar do grupo, ao encerramento dos trabalhos tece breves considerações a respeito desses irmãos ainda perdidos nas nuvens espessas da revolta. Em seguida, agradece o auxílio fraterno dos presentes e, sintonizado com as mais Altas Esferas Espirituais, mareja os olhos do médium ao recitar o poema-oração:

#### “Prece do Leproso Diante da Cruz”

Senhor, eu que vivia em vãos clamores,  
Vinha de longe em ânsias aguerridas,  
Sob a trama infernal de horrendas lidas,  
Entre largos caminhos tentadores.

Tronos, glórias, tiaras, esplendores  
E cidades famélicas vencidas...  
Tudo isso alcancei, de mãos erguidas  
Aos gênios tenebrosos e opressores.

Mas, fatigado enfim, de ser verdugo,  
Roguei, chorando, a graça de teu jugo  
E enviastes-me a lepra e a solidão.

E, confinado às dores que me deste,  
Abriu-se-me a visão à luz celeste,  
E achei-te, excelso, no meu coração.

## II

Hoje, Mestre, ante a cruz em que te apagas,  
Na compaixão, que ajuda e renuncia,  
Não te peço o banquete da alegria,  
Embora o doce olhar com que me afagas.

Venho rogar-te a túnica das chagas  
Para que eu volte à estrada escura e fria,  
Em que os filhos da noite e da agonia  
Sofrem ulcerações, bramindo pragas...

Dá-me, de novo, a lepra que redime,  
Conservando-me a fé por dom sublime,  
Agora que, contente, me prosterno!...

E que eu possa exaltar, por muitas vidas,  
Sobre o lenho de angústias e feridas,  
O teu reino de amor divino e eterno.

\* \* \* \*

Em data que não conseguimos precisar exatamente, talvez pelos idos de 1950, Leopoldo Machado, que não tivera oportunidade de conhecer Jésus em vida, recebeu um poema mediúnico deste, através do estimado mediano Chico Xavier:

Meu prezado irmão Leopoldo,  
Não se canse de educar!  
Bendito é o semeador,  
Que saiu a semear!  
Coração que ensina, amando,  
É sábio que nunca erra.  
A lepra da ignorância  
É nódoa maior da Terra.



Ao qual Leopoldo respondeu com este soneto:

Se o sofrimento é lei, a Lei existe  
Para ser respeitada e ser cumprida  
E se é no sofrimento que consiste  
A força de lutar, a lança em riste,

Há de levar percalços de vencida  
E bendizer a dor, o doente e triste  
A voz do Cristo, além do mais, convida  
A todos nós às glórias da Outra Vida.

Infeliz quem padece? Na aparência!  
O sofrimento é escola de paciência!  
Caminho para o Céu, largo e seguro...

Bem haja o sofrimento mais pesado  
Que apague nossos erros do passado  
E nos prepare as glórias do futuro!

\* \* \* \*

O “Livro dos Espíritos”, de Kardec, na resposta à pergunta nº 171, assim se refere à reencarnação (fragmento): “A doutrina da Reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o humano muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia da justiça de Deus, com respeito aos humanos de condição moral inferior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois nos oferece o meio de resgatarmos os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz, e é o que os Espíritos ensinam.” Jésus novamente nos presenteou com um belo soneto, ainda pelas mãos bondosas de Chico Xavier, na noite de 27 de fevereiro de 1960, em reunião pública na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, e que bem ilustra o texto de Kardec.

“Reencarnação”

Há séculos, num carro de esplendores,  
Minha vida era a angústia de outras vidas,  
Estraçalhava multidões vencidas,  
Coroadado de púrpura e de flores.

Depois... a morte, os longos amargores...  
Depois ainda... a volta a novas vidas,  
A solidão e os prantos redentores.

Volve do rei antigo um réu que espanta,  
E o Senhor concedeu-me a lepra santa  
Para cobrir-me em chagas benfazejas!...

Mas, hoje, livre, enfim de toda algema  
Posso saudar a dor justa e suprema:  
- Emissária da luz, bendita sejas!...

\* \* \* \*

Em uma coluna dominical no “Diário de São Paulo”, o escritor e jornalista, Herculano Pires, muitas vezes comentou poesias e mensagens recebidas por Chico Xavier. Posteriormente, estes foram reunidos em preciosos volumes constantes na bibliografia espírita. “Na Era do Espírito” produzido em 1972, traz os seguintes comentários do Espírito de Jésus Gonçalves:

- A ti, meu irmão, que assumiste comigo os pesados encargos da existência num sanatório de hansenianos, sem possibilidades trazer tanto quanto a mim, o medicamento salvador; a ti, que não tiveste, qual me ocorreu, a consolação dos egressos; a ti que sofres entre a fé viva e a dúvida inquietante, entre a tentação e à revolta e a aceitação da prova, acreditando-te frequentemente esquecido pelas forças do céu, ofereço a lembrança fraternal destes versos.”

E continua sua comunicação com o soneto:

“Mensagem de Companheiro”:

Não te admitas réu de afrontosa sentença,  
Largado de hora em hora à sombra em que te esmagas,  
Varando tanta vez, humilhações e pragas  
À feição de calhaus da humana indiferença.

Crueldade, paixão, injúria, crime, ofensa  
Criam-nos, um dia, a estamemha de chagas!...  
No pretérito abriste o espinheiro em que vagas  
E, embora a provação, trabalha, serve e pensa.

Ânsia, atribulação, abandono, amargura  
São recursos da lei com que a lei nos depura  
O coração trancado em nódoas escondidas...

Bendize, amado irmão, as feridas que levas,  
A dor extingue o mal e o pranto lava as trevas  
Que trazemos em nós dos erros de outras vidas.

Herculano Pires, que no periódico assina Irmão Saulo, dirige assim os seus interessantes comentários a respeito do Autor mediúnico e da doença de Hansen: - Jésus Gonçalves utiliza como essas: “túnica de chagas” e “estamemha de chagas” para figurar a condição em que viveu no final da última existência terrena. A túnica estamemha, grosseiro tecido de lã, era vestimenta comum na Judéia do tempo de Jesus. Evidente o simbolismo poético dessas expressões. Os judeus vestiam-se de estamemha, enquanto os ricos usavam túnicas refulgentes dos mais finos tecidos. Mas na vida espiritual, essa situação se invertia, como vemos na parábola evangélica de Lázaro e o Rico. No soneto de Jésus Gonçalves, vemos o mesmo processo. A estamemha de chagas é tecido no passado da própria criatura pela sua crueldade e a sua arrogância. No tear do destino, os fios da loucura humana são tecidos pelas nossas ações. E aqui o que tecemos é precisamente o que iremos vestir em próxima existência. Ninguém, portanto, está sujeito na Terra a uma “afrontosa sentença”, mas apenas submetido às consequências de seu próprio comportamento em vida anterior. A cada um segundo as suas obras, porque somente assim aprenderemos a vencer o mal, a superar nossas tendências inferiores, nosso egoísmo criminoso. Os “recursos da lei” não representam condenação implacável, mas corrigenda necessária. Por isso escrevia Leon Denis: - “A dor é lei de equilíbrio e educação. Mas nem por isso devemos pensar que os sofredores não devem ser socorridos. A lei maior da caridade nos obriga a ajudar os que sofrem”.

É o que ensina o item 27 do capítulo V de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. É verdade que “a dor extingue o mal e o pranto lava as trevas, mas a indiferença ante a dor e o pranto do próximo é também um mal que pode e deve ser extinto pela caridade, socorrendo os que sofrem estamos tecendo, no tear do nosso destino, os fios da sensatez e da bondade que nos preparam a uma túnica de luz para o futuro.”

Em 15 de fevereiro de 1949, J3sus Gonçalves, tamb3m pela mediunidade de Chico Xavier, envia a seguinte mensagem a Julinha Thekla Kohleisen, um dos Esp3ritos caridosos que o haviam ajudado construir o Centro Esp3rita Santo Agostinho: - Julinha, minha companheira de jornada evang3lica, que o Mestre te ilumine cada vez mais. Quero agradecer-te a visita fraternal que fizeste l3 no nosso Centro em junho, e, aproveitando tal ensejo, minha amiga, deixar-te expressar toda a minha gratid3o por tudo o que tens feito para aqueles nossos irm3ozinhos. Eles merecem, realmente, o apoio de todos os coraoes dedicados ao bem. Para os doentes de Pirapitingui todos devem olhar com respeito e ternura, com fraternidade e humildade, partilhando com tais sofredores o percurso de suas jornadas na romagem dolorosa em que se encontram. S3o os grandes orgulhosos do passado em resgates nobilitadores. Trabalhar, pois, para tais instituioes 3 dever dos Esp3ritos alcandorados como o teu, Julinha. Deixo-te o meu abrao muito amigo. Do teu J3sus. E pouco depois, o esp3rito po3tico de J3sus dirige-lhe mais conselhos para o cotidiano, em versos:

### RECORDAO PATERNAL

(3 radiosa espiritualidade de J3lia Thekla Kohleisen)

Minha Filha Querida, continua  
Lavrando o ch3o de nossas velhas dores  
Suportando os espinhos redentores  
Entre o pranto e o cansaço da charrua...

Guarda contigo a F3 que n3o recua  
E esquecendo tormentos e amargores  
Inflama o teu caminho em esplendores  
Na pobreza da terra ingrata e nua.

Planta L3rios e Rosas sobre a alma  
Do carv3o triste e seco nasce a chama  
Que alenta e aquece a Vida transit3ria.

Louva com Cristo a Luta em que te esmagas  
Nossas cruzeiras de ang3stias, sombra e chagas  
S3o roteiros de Luz da eterna Gl3ria.

(Soneto in3dito em livro, psicografado por Francisco C3ndido Xavier)

### AP3NDICES

“O fardo 3 proporcionado 3s forças, como a recompensa o ser3 3 resignao e a coragem.”  
“ O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, Cap. V, item 18.

### O ENFOQUE ESP3RITA 3 MOL3STIA DE HANSEN

No que diz respeito 3 abordagem m3dica e tamb3m materialista da quest3o, gostar3amos de traçar um paralelo com um dos princ3pios b3sicos da Doutrina Esp3rita, que 3 a Lei de Causa e Efeito a que todos estamos subordinados. Atrav3s dela, o indiv3duo assume d3bitos e cr3ditos, em suas m3ltiplas exist3ncias terrestres. Isto faz com que receba um corpo consoante seus atos praticados em vidas anteriores. Portanto, o chamado fator imunol3gico do organismo pela Medicina, tem para n3s, esp3ritas, estreita relao com as formaoes perisp3ricas do indiv3duo. Mas vejamos como o Esp3rito de Andr3 Luiz enfoca a quest3o:

- Sob o mesmo princ3pio de relatividade, a funcionar, inequ3voco, entre a doença e doente, temos a incurs3o da tuberculose e da lepra, da brucelose e da ameb3ase, da endocardite bacteriana e da

cardiopatia chagásica, e de muitas outras enfermidade, sem nos determos na discriminação de todos os processos morbosos, cuja relação nos levaria a longo estudo técnico. É que geralmente, quase todos eles surgem como fenômenos secundários sobre as zonas de predisposição enfermiga, que formamos em nosso próprio corpo, pelo desequilíbrio de nossas forças mentais, a gerarem ruptura ou soluções de continuidade nos pontos de interação entre o corpo espiritual e o veículo físico, pelas quais insidiam o assalto microbiano a que sejamos particularmente inclinados pela natureza de nossas contas reencarnatórias.

De onde vem como vem? Por que vem? Por que se contagiam umas pessoas e outras não? Estas dúvidas, só parcial e recentemente a Medicina procura aclarar. No entanto, as Doutrinas Espiritualistas, tão antigas quanto a própria Humanidade, já lançaram luz sobre vários problemas em que, infelizmente, muitos se negam a acreditar. Todavia, permanece a Justiça Divina em suas origens. O espírita conhece a utilidade do sofrimento: sabe que é um mal apenas na aparência, sendo um fator de equilíbrio e reajustamento, o qual encerra, em sua natureza íntima, reações naturais de um Deus soberanamente justo e bom. Ademais, apresentando-se a liberdade como sagrada, estabelece a Lei de causalidade como inviolável, e por isso, se existem céu e o inferno, estes nascem, vivem e morrem dentro de nós. Querer ignorar os progressos da Medicina em relação ao mal de Hansen é querer distanciar-se do problema; dar continuidade às atitudes estigmatizantes, com relação a seus portadores, é falta de caridade cristã, além de ser pré-julgamento sem conhecimento de causa. Nós que, aliando a razão ao bom senso optamos pela militância nas fileiras do Espiritismo, cedo nos conscientizamos de que o estudo da Doutrina Consoladora ilumina nossos caminhos, numa mensagem de que todos os males radicados no Planeta – e que proliferam em seus quatro cantos – são provenientes das transgressões à Lei de Deus, perpetradas por nós mesmos. Com efeito, deste esclarecimento podemos deduzir que a intensidade dos delitos praticados em nossas diversas encarnações se refletirá em nossa existência presente. Isto, na proporção da Lei de Resgate a que seremos submetidos. A História Universal nos relata episódios aviltantes praticados pelos humanos. Na aurora do Cristianismo, os circos romanos se transformaram em palcos, onde se sucediam a selvageria e os cristãos ora iam transformados em tochas humanas para diversão e prazer dos altos mandatários do império. Por outro lado, grandes guerras devastaram a Humanidade, fazendo-a enfrentar toda sorte de perversidades cometidas a maior parte das vezes por orgulho. A Inquisição tornou-se um capítulo sombrio na História da Igreja, e, o amor, pregado pelo Grande Mestre, se esvaía nos gestos mais torpes, na realidade mais cruel. Hoje, quando nos deparamos com irmãos passando pelas mais diferentes provas, e dentre elas, a “Hanseníase”, peçamos que eles percorram esta senda com resignação, porque, curvar-se com humildade à Lei do Alto significa encontrar o caminho que conduz ao porto onde serão quitadas as dívidas de pretéritos delituosos. Não nos preocupemos como os problemas do contágio, pois conforme o exemplo do próprio Cristo, que pernitoitou muitas vezes em casa de Simão, o Leproso, já tivemos prova de que o bacilo não faz morada no corpo, mas no Espírito. Recordemos ainda, que o Divino Mestre nos preveniu de que “o Pai não colocaria fardos pesados em ombros frágeis”. Sendo Deus Sabedoria, Justiça e Amor. Em toda sua plenitude, jamais determinaria um prova pesada a quem não estivesse preparado para suportá-la, pois a força da dívida equivale à dimensão espiritual do Ser. Recordemos ainda, que a dor, nestas condições, se apresenta como salutar remédio; seja ela física ou moral, é sempre um fator de alívio e regeneração para o Espírito endividado.

### VOCÊ TEM MEDO DA LEPROA?

De que “lepra” você tem medo? Da “lepra” ou da hanseníase? Você sabe o que é “lepra”? E hanseníase? Não pois nós lhe explicaremos a seguir. Denomina-se hanseníase uma moléstia provocada por uma bactéria álcool-ácido resistente, de baixa patogenicidade, semelhante àquela causadora da tuberculose. Caracteriza-se por apresentar máculas ou áreas anestésicas e anidróicas no seu início. Depois de um período de incubação que pode variar de 2 a 5 anos, mas com extremos de 6 meses até 20 anos, essas lesões evoluem para os, assim chamados, polos tuberculóide e virchoviano. No polo tuberculóide não se notam praticamente bacilos e apenas o segundo pode ser considerado bacilífero e, portanto, contagioso.

Causada pelo bacilo de Hansen, a hanseníase atinge principalmente a pele, os nervos, as mucosas do nariz e a garganta. O contágio se dá por contato íntimo e prolongado do doente bacilífero com os conviventes (pessoas que moram com ele na mesma casa ou quarto durante anos) mas, mesmo assim, é preciso que esses conviventes sejam predispostos, ou seja, não possuam anticorpos que os protejam da doença. Por isso, a transmissão da hanseníase é extremamente difícil, ao contrário do que se imagina comumente.

Para ambos os polos da doença até 1943, data em que começaram a ser empregadas com sucesso as sulfonas no tratamento da moléstia, usava-se o óleo de uma planta denominada “chalmoogra” e seus derivados. Com o advento da sulfona e outros medicamentos eficazes, a hanseníase passou a ser encarada sob novas perspectivas e a maior luta desde então tem sido a do esclarecimento da sociedade quanto aos aspectos psicossociais que seu estigma milenar inflige aos seus portadores. Sim, pois, se já se conhece sua cura, sabe-se que é dificilmente transmissível: por que seus portadores ainda continuam sendo expulsos das cidades, aposentados compulsoriamente e desprezados pela família e pela sociedade? É porque, se a ciência já venceu a hanseníase, a sociedade ainda não venceu a “Lepra” e é esta muito mais perigosa, maligna e infamante que a doença física.

“Leproso”, por sinal, é um termo que deixou de ser usado a partir de 1967, quando, após décadas de tentativas de esclarecimento público, a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo adotou os neologismos “hanseníase”, “hanseníase”, “doença de Hansen”, etc., oficializados algum tempo depois. A nova terminologia, desde então, tem sido aceita por governos estaduais, escolas médicas, congressos científicos e médicos no Brasil, Argentina, EUA, Portugal, Espanha e outros países. Porém, pouco tem adiantado essa pregação – admite o Prof. Abraão Rotberg, perito da Organização Mundial de Saúde e especialista em Hansenologia – “porque se luta contra poderosos meios de comunicação, a literatura, o cinema e a própria Bíblia, que dá o nome de “lepra” às próprias manchas que surgem nas pedras”. Segundo o Dr. Rotberg, até a literatura infantil está invadida pelo grande e terrível mal. “Super-homem vence a tudo e a todos, mas a única coisa que o derrota em determinada estória é a kriptolepra”! Este estigma, que acompanha o “leproso” há séculos, adquirindo conotações que se confundem com algo “repelente”, “mau caráter”, “sujo”, estimula muitos doentes de Hansen a não procurarem o devido tratamento médico, pois a reação da maioria é procurar viver no anonimato até quando a doença evoluir, pelo medo de serem agraciados com a medalha “leprosa”. Neste estado de coisas, aí sim, a doença evolui para quadros contagiantes e algumas vezes irreversíveis.

Não raras vezes, o medo de enfrentar a sociedade leva o doente ao suicídio. Mas por que e do que este doente tem medo? Tem medo de ser chamado de “Leproso” e “Leproso” é sinônimo de “vício”, “repulsa”, “castigo de Deus”, “sujeira” e tantos outros epônimos inaceitáveis e infamantes. Quando foi interrompida a internação compulsória dos doentes de Hansen, cinco mil deles tiveram alta dos asilos - colônias, porém, apenas 1.400 deixaram os antigos “leprocômios” – e muitos voltaram – porque estavam vitimados pela “atrofia social” depois de tantos anos de confinamento: muitos não tinham para onde ir, outros eram recusados pelas famílias; enquanto a maioria tinha plena consciência do que aguardava no mundo dos “sádios”: escárnio, desprezo e humilhação.

Muitas vezes jornais, inconscientes do mal que estão fazendo, abrem suas matérias com títulos como: “leprosos invadem a cidade”, querendo se referir a indivíduos imundos que estão entrando na cidade, ou a assassinos, ladrões, etc., ou então, ouvimos dizer que “hippies espalham lepra”, o que pode querer dizer que esses indivíduos estão disseminando vícios, maus costumes, etc. a “lepra” também pode ser usada significando doença ou qualquer alteração grave na saúde. Então, lê-se em um livro “caíram os dedos do indivíduo com lepra”, porém, o que realmente se quis dizer é que este indivíduo era portador de uma alteração vascular que levou à necrose de suas extremidades ou outra situação qualquer. No caso, por exemplo, do “Aleijadinho”, famoso artista mineiro, a “lepra” que o atacou e lhe provocou deformidades foi considerada por alguns autores como sendo “porfiria”, por outros “sífilis”, por outros “hanseníase”, sem se chegar a uma tomada de posição conclusiva.

“Lepra” pode, inclusive, significar muitas doenças. Quem acaso já não ouviu falar que fulano de tal é um “leproso político”? Acaso não poderia ser chamado de “tuberculoso político”? mas

não, foi chamado de “leproso político”. E quantas vezes, também, não ouvimos falar em “lepra do Espírito”, “lepra da comunidade”, “sedutor leproso”? Até as doenças podem “sofrer” de “lepra”. A sífilis, por exemplo que hoje tem tratamento eficaz e rápido, continua aumentando seus índices de morbidade em todo o mundo devido a seus agravantes como a automedicação, a prostituição e a dissolução dos costumes, que constituem a sua “lepra”.

A hanseníase também pode ter “lepra”. Sim, pois a “lepra” na hanseníase se traduz pela falta de diagnóstico precoce causado pela falta de preparo de alguns esculápios e pelo não tratamento de casos avançados e com extensas mutilações que poderiam ser evitados, mas que permanecem com eles, quando existem meios para corrigi-los, além disso, uma gama enorme de conceitos errôneos como os citados aqui, a respeito da hanseníase, imperam entre o público leigo e até entre os próprios médicos.

O desumano isolamento compulsório nos temidos “leprosários” acabou sendo condenado por ter piorado o problema psicossocial do doente e favorecido a ampliação da endemia, mas ainda hoje, ficar acometido do mal de Hansen é adquirir uma carga de desgraça em termos de comparação; preferível, portanto, silenciar, que ser jogado ao vale do isolamento. Porém, mesmo o doente é mal informado quanto à sua doença. Ele precisa ser esclarecido – tanto quanto a sociedade – de que, se tratado, pode e deve levar uma vida normal: frequentar escolas, trabalhar, ir ao cinema e, principalmente, continuar vivendo junto dos seus. Se, apesar de que, estar “doente” já represente uma anormalidade, o hanseniano deve entender que ele tem hanseníase, mas é um indivíduo normal, assim como se fosse portador de reumatismo, alergia ou enxaqueca.

Pelos motivos expostos é que hoje se sabe que, no Brasil, a população de hansenianos já atinge a meio milhão; e, cerca de 2/3 desse número com algum tipo de incapacidade. Justifica-se, portanto, o apelo que fazemos em coro com as autoridades, pedindo a todos que suspeitem-se portadores ou souberem de algum portador da moléstia, que não tema a hanseníase para que a “lepra” não se espalhe mais...

(Transcrito de “O Caravaneiro” n° 1, de novembro / dezembro de 1979.)

## FICHA MÉDICA DE JÉSUS GONÇALVES NO ASILO-COLÔNIA DE AYMORÉS.

Serviço Sanitário do Estado de São Paulo

Inspetoria de Profilaxia da Lepra

Data: 16/09/1933

Nome: Jesus Gonçalves

Nacionalidade: Brasileira

Natural: Agudos

Cor: Branca

Estado Civil: Viúvo

Onde se manifestou a moléstia: Bauru

Profissão: Guarda-Livros

Local onde trabalhava: Bauru

Data do aparecimento da moléstia: 4 anos

Idade que se manifestou: 27 anos

Anamnese familiar em relação ao pai: João Gonçalves, falecido em Borebi há 16 anos. Não era nem tinha parentes doentes de lepra. Josepha Mendes, falecida em Borebi há 28 anos. Não era nem tinha parentes doentes de lepra. Luiza Trindade, 42 anos, viúva, residente em Bauru (tia), Josepha Trindade, 38 anos, casada, residente em Promissão (irmã por parte de mãe)

Filhos:

Jaime, 11 anos, suspeito

Jandira, 9 anos

Helena, 7 anos

Carlos, 5 anos

Comunicantes residentes em Bauru:

Em relação à esposa:

Theodomira de Oliveira Gonçalves há 3 anos, não era nem tinha parentes doentes de lepra.

Estória mórbida do doente:

Data, qualidade, localização dos primeiros sintomas: parestesias, nevralgias, dores reumatóides, surtos febris, apertexis, quedas dos supercílios, perturbações da sensibilidade, espessamento do cubital, mácula, bolhas, nódulos, ulcerações, atrofia, mal-perfurante, etc.

Processo subsequente à moléstia:

Início de pequenas manchas no braço direito e pequeno tubérculo nas orelhas.

Exame clínico:

Faces: primitivo

Estado Geral: bom

Perturbações da sensibilidade: sim

Alterações do sistema muscular: não

Alterações do sistema ganglionar: sim

Lesões atuais e localizações:

Face: infiltrações

Fonte: sim

Pequenos tubérculos: sim

Nariz: sim

Sobrancelhas: ligeiramente com tubérculos

Orelhas: infiltrações, pequenos tubérculos

Pescoço: idem

Tórax: não

Lesões oculares: não

Braços: ligeiras infiltrações

Cotovelos: cicatriz da úlcera

Antebraço: ligeiras infiltrações

Punhos: idem, idem.

Mãos: infiltrações

Nádegas: idem

Coxas: idem

Joelhos: idem

Pernas: idem

Pés: cicatrizes

Formas clínicas:

Latente: não

Nervosa: pura, não

Macro-anestésica: não

Tuberosa: não

Mista: sim

Classificação da Congregação Manila: não

Exames de laboratórios: nada

Reações sorológicas: não

Domicílio onde se acha isolado: nada

Histopatológico: nada

Médico assistente particular: nenhum

Hospital onde se acha isolado: Asilo-Colônia Aymorés desde 26 de agosto de 1933.

Médico – Dr. Murillo

Prontuário n° da matrícula: 223

Data da internação: 26 de agosto de 1933.

O então “Asylo-Colônia Aymorés”, hoje “Hospital Lauro de Souza Lima” instalado no Km 115 da rodovia Ipaçu-Jau, numa área de 32,6 alqueires, recebe do periódico interno “O Momento”, datado de 13 de abril de 1936 e tendo como redator Jésus Gonçalves, a seguinte apologia:

- “Datam de novembro de 1925 os primeiros lampejos no sentimentalismo humano visando a grande obra de assistência aos hansenianos. Em março de 1926, Jorge de Castro, pelas colunas do Diário da Noroeste, dá a ideia de se reunirem em Congresso Regional todos os municípios da Noroeste”. O Dr. Rodrigo Romeiro, abraçando a ideia, tornou-se o patrono da causa, fazendo realizar em 1927, em Bauru, o grande Congresso que teve o comparecimento da unanimidade das Prefeituras. Foi, sem dúvida, o primeiro trabalho desse gênero realizado no Brasil, o que influenciou, decisivamente, para um plano geral de combate à hanseníase (lepra) no Estado de São Paulo. Cabe pois, a Bauru, a glória de feliz iniciativa de solidariedade humana. O Congresso foi presidido pelo Dr. Fábio Barreto, então Secretário do Interior, tomando parte nas deliberações os Srs. Waldomiro de Oliveira, Diretor Geral do Serviço Sanitário daquela época e João Aguiar Pupo, então Inspetor chefe da Inspetoria da Profilaxia da Lepra. Uma comissão presidida pelo juiz Dr. Rodrigo Romeiro, iniciou as obras de construção, em 1928, de vários pavilhões. Com o afastamento do Dr. Rodrigo Romeiro em 1930, foram as obras entregues à liga de São Lázaro de Bauru, fundada em 23 de março de 1930, tendo, em 1931, a seguinte diretoria: Presidente do Conselho Deliberativo Dr. Cândido da Cunha Cintra, Juiz de Direito; Presidente da Diretoria, Padre Mariano Power, vigário da paróquia; Vice-Presidente, Prof. José Guedes de Azevedo; 1.º Secretário, Dr. Francisco Quartim Barbosa; 2.º Secretário, Joaquim Bueno Siqueira; 1.º Tesoureiro, Bento Aguiar de Souza; 2.º Tesoureiro, Dr. Manoel Fraga; tendo se destacado na lista honrosa de benfeitores, Da. Helena Graizer, Da. Prosperina de Queiroz, Da. Albertina Lopes Abelha, o Sr. Salvador Filhardi, o Dr. Maragliano Jr. E o Sr. Paulino Raphael Em 1932, a Inspetoria da Lepra tomou a si o encargo de ultimar os serviços tomando, conseqüentemente, a responsabilidade do leprosário. Já por esses tempos, se achava à frente do grande problema paulista, o grande idealizador Dr. Francisco de Salles Gomes Júnior que inaugurou o Asilo em 1933.

No dia 13 de abril de 1933, abriam-se as portas de dois pavilhões para receberem a primeira leva de doentes, em número de 10, e nunca mais se fecharam, dando passagem à grande leva de peregrinos, que aportavam de todas as partes em busca de um abrigo, em busca de um esconderijo para suas ruínas, em busca de um leito para o descanso de seus corpos alquebrados pelas caminhadas. Inaugurou-se o Asylo, com a entrada de 10 pessoas. Mas já em 31 de dezembro daquele ano o registro estatístico acusava o nº de 307 habitantes. Em 1934, os algarismos subiram para representar a soma de 442, para subirem mais, com a soma de 579, em 1935.

Os internados do Asylo fundaram e dirigiram a Caixa Beneficente destinada ao amparo dos doentes, proporcionando-lhes conforto moral e físico. A Caixa Beneficente constituirá um ponto de concentração, reunindo os frutos da caridade, para em seguida distribuí-los entre os verdadeiros necessitados.

## CRONOLOGIA

17/07/1902 – Reencarna no pequeno vilarejo de Borebi, São Paulo, o cidadão Jésus Gonçalves.

1905 – Falece em Borebi, Josepha Mendes, mãe de Jésus Gonçalves, vitimada por tumor maligno no intestino.

1912 – Data da única doença de Jésus Gonçalves, na infância: sarampo.

1916 – Transferem-se de Agudos, São Paulo, para Borebi, Antonio Arruda, sua esposa Luiza Trindade, Francisco e Antônio Fráguas (filhos do casal) e Jésus Gonçalves, sobrinho de D. Luiza e tutelado do casal.

1916 – Primeiro emprego de Jésus Gonçalves, na Fazenda Boa Vista, em Borebi, de propriedade de Ângelo Pinheiro Machado, como auxiliar beneficiador de café e algodão.

1917 – Falece em Borebi, João Gonçalves, pai de Jésus Gonçalves, vitimado por um ataque cardíaco.

1919 – Transfere-se Jésus Gonçalves, de Borebi, subdistrito de Lençóis Paulista, para a cidade de Bauru, São Paulo.



1919 – Segundo emprego de J3sus Gonçalves, em Bauru, na Prefeitura Municipal. Integra-se, nessa 3poca, na Banda da Prefeitura da cidade.

1920 – Contrai n3pcias, J3sus Gonçalves, com Theodomira de Oliveira. Ela vi3va com duas filhas, Ner3ia e L3gia.

08/03/1922 – Nasce em Bauru, Jaime Gonçalves, primog3nito de J3sus Gonçalves.

22/05/1924 – Nasce Jandira Gonçalves, segunda filha de J3sus Gonçalves, com Theodomira de Oliveira em Bauru.

30/03/1926 – Nasce tamb3m em Bauru, Helena Gonçalves, terceira filha de J3sus Gonçalves.

15/08/1929 – Nasce Carlos Gonçalves, quarto filho de J3sus Gonçalves, em Bauru.

1930 – J3sus Gonçalves sabe-se portador do mal de Hansen.

1930 – Falece em Itapetininga, S3o Paulo, a primeira esposa de J3sus Gonçalves, Theodomira de Oliveira, vitimada pela tuberculose.

1932 – J3sus Gonçalves une-se maritalmente, a Anita Vilela, em Bauru.

16/08/1933 – Interna-se no Asilo-Col3nia Aymor3s, Bauru, o cidad3o J3sus Gonçalves, portador do mal de Hansen. No mesmo ano, seu filho Jaime, tamb3m suspeito de ser portador da mol3stia, 3 ali internado.

27/02/1937 – Passa a circular no asilo-Col3nia de Aymor3s o Jornal interno “O Momento”, fundado por J3sus Gonçalves. Este desejava que, com o tempo, o jornal pudesse expandir-se at3 outros Sanat3rios.

21/09/1937 – Transferem-se o Hospital de Pirapitingui os internos do Asilo Aymor3s, J3sus e Jaime Gonçalves, e Anita Vilela; esta n3o era portadora da mol3stia de Hansen.

03/03/1943 – Falece no Hospital-Col3nia de Pirapitingui Anita Vilela, segunda companheira de J3sus Gonçalves, v3tima de c3ncer no 3tero.

1943 – Consorciam-se em Pirapitingui, os internos J3sus Gonçalves e Isabel Laureano (Ninita), sendo os dois vi3vos.

16/12/1945 – Funda-se no Hospital-Col3nia de Pirapitingui a “Sociedade Esp3rita Santo Agostinho”, que teve como seu primeiro presidente e idealizador J3sus Gonçalves, que conseguiu reunir trinta mil, seiscentos e vinte e seis cruzeiros e dez centavos, para a realiza3o desse projeto.

13/01/1947 – Pedro de Camargo (Vinicius) prefacia a primeira edi3o do livro “flores de outono”, de autoria de J3sus Gonçalves.

16/02/1947 – Aproximadamente 3s 11 horas da manh3, regressa 3 P3tria Espiritual J3sus Gonçalves, o Ap3stolo de Pirapitingui.

fim